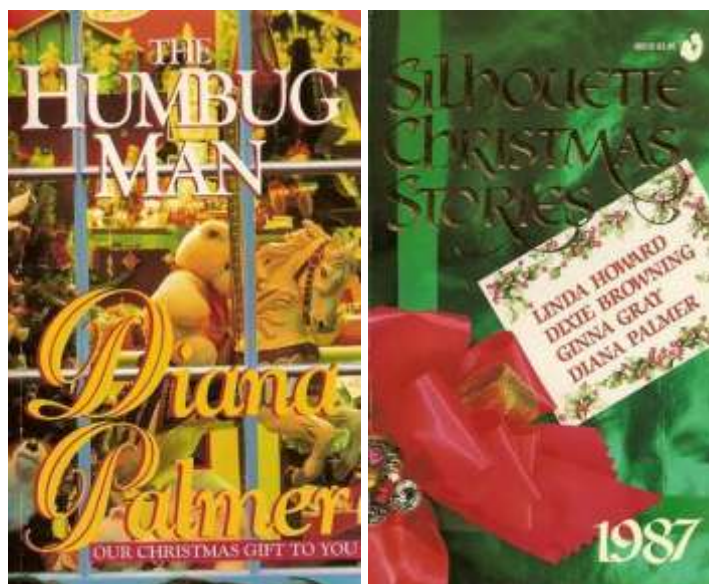


The Humbug Man¹

Diana Palmer

(Tate Hollister & Maggie Jeffries)

(1986)



*Livro publicado originalmente em 1986, mas foi republicado em 1987 na compilação 'Silhouette Christmas Stories', juntamente com histórias de Linda Howard, Dixie Browning e Ginna Gray.

Tradução e revisão: Lorien

Tradução e disponibilização em português feitas sem fins lucrativos, de fã para fã.

Comentário: Bom, pra quem gosta de hot, o livro não é hot... XD É legalzinho de se ler, uma história leve (se comparar com certas histórias da DP, é levíssima...) ainda mais porque não tem nenhum 'avassalador' pra torrar a paciência...

Sinopse:

O rancheiro de Montana Tate Hollister tinha que ser o mais resmungão, mais mal-humorado homem que a viúva Maggie Jeffries já tinha conhecido. Mas, enquanto a temporada de festas de fim de ano progredia, Maggie descobriu que Tate não era completamente imune ao espírito natalino - seu abraço amoroso em uma noite fria de inverno podia se mostrar o presente de uma vida inteira...

¹Como a história se passa na época do Natal, e o personagem Tate Hollister demonstra não gostar muito do Natal, o título provavelmente é uma alusão ao personagem Ebenezer Scrooge, personagem principal da história 'Um Conto de Natal' ('A Christmas Carol'), de Charles Dickens, que tinha como jargão a frase "Bah, Humbug!", usada para demonstrar a sua opinião quanto ao Natal, que para ele não passava de uma fraude.



Capítulo Um

Tate Hollister vivia sozinho, o que não era surpresa para sua vizinha mais próxima. Ele tinha o temperamento de um raio negro e parecia odiar as pessoas em geral, e garotos em particular. Maggie Jeffries ouviu do seu falecido sogro mexericos sobre o rancheiro taciturno, e seu filho Blake era um contínuo documentário falante sobre a vida do rancheiro. Se ela não amasse tanto o garoto, ela poderia ter tido terríveis brigas com ele a respeito do incrível caso de idolatria que ele tinha por Hollister. Maggie tinha visto seu vizinho de olhos escuros de tempos em tempos ao longo dos anos, mas ele a evitava da mesma forma que ele tentava evitar Blake, Mas ele não tinha muito sucesso com o garoto; Blake tinha quase dez anos de idade e Hollister era seu herói.

Era difícil fazer vista grossa à constante tagarelice de Blake a respeito do homem, mas Maggie amava o filho, então ela tentava não ficar aborrecida. Ela também mantinha em mente que Blake não tinha conhecido seu pai. Bob Jeffries foi um correspondente de guerra. Ele morreu na América Central cobrindo uma reportagem, deixando Maggie desamparada e grávida de três meses. Ela se manteve trabalhando como secretária para um executivo de uma empresa de impressão. Quando a companhia mudou sua sede do Tennessee para Tucson², no Arizona, Maggie decidiu seguir junto com o pequeno Blake. Os pais dela estavam mortos e seus três irmãos todos espalhados pelo país, mas o vovô Jeffries ainda era vivo. Ela queria estar o mais perto possível para que Blake pudesse passar um tempo com ele em seu rancho em Montana.

Ao longo dos anos, Maggie rapidamente chegou a secretária executiva e tinha um trabalho responsável. Então o vovô Jeffries morreu inesperadamente no outono e deixou seu pequeno rancho para Maggie.

Blake, que esteve na escola militar durante o último ano, saltitou com a chance de ir para Montana. Eles não poderiam ir, ele pediu, apenas para o feriado de Natal? Então Maggie poderia decidir se ela queria vender o lugar, não poderia? Afinal de contas – ele usou seu trunfo com uma expressão desanimada que era apenas parcialmente fingida – eles dificilmente se viam.

Esse foi o estopim. Maggie sentia falta do filho, apesar do fato de que ela queria que ele fosse independente e não ficasse agarrado às suas saias. Ela pediu duas semanas de férias do seu trabalho, exatamente as semanas dos feriados de Natal e Ano Novo. Então ela encontrou uma secretária substituta para o seu lugar, e ela e o jovem Blake partiram para a imensidão de Montana.

E aqui estavam eles. Com aproximadamente sessenta centímetros³ de neve, em um fraco, precário rancho frente às montanhas Bitterroot⁴, sem vizinhos próximos exceto pelo

²*Tucson* – cidade do estado do Arizona, no Condado de Pima; foi capital do estado entre 1867 e 1889.

³*two feet* – a medida de comprimento pé equivale a 30,48 cm; no caso do texto, dois pés equivaleriam a 60,96 cm.

⁴*Montanhas Bitterroot* – fazem parte da cadeia de montanhas Bitterroot, localizada na divisa dos estados americanos de Idaho e Montana.

esquivo e pouco amigável Sr. Hollister, a quem Blake parecia venerar à distância pela razão que só Deus sabia.

A casa do rancho era mais uma grande cabana do que uma casa, mas não era desconfortável. Tinha apenas quatro peças, sendo que duas eram quartos. A sala de estar e a sala de jantar eram combinadas, com uma pequena cozinha em um canto e um banheiro que definitivamente foi feito tardiamente. A mobília era de madeira, e todas tinham com certeza uma influência indígena, dos cobertores e tapetes às pinturas que decoravam as rústicas paredes de madeira. A única diferença agora eram algumas decorações de Natal que Maggie e Blake adicionaram, como os ramos de pinheiro ao redor da lareira com laços de veludo vermelho, as alegres velas vermelho e verde e um azevinho artificial sobre a mesa do café.

Maggie achou familiar o passo preguiçoso da vida em Montana. Isso trazia à tona memórias de sua infância passada nas montanhas no sul do Tennessee, próximo à divisa com a Geórgia, que havia sido área de disputa territorial. Ela viveu em uma área remota com seus pais e irmãos, e tinha sido uma vida satisfatória até que Bob passou por lá cobrindo uma história e persuadiu Maggie para sair de suas montanhas para ir até Memphis em um pequeno apartamento.

Às vezes aquela parte de sua vida parecia como um sonho distante. Se não fosse pelas fotografias, ela dificilmente lembraria como era a aparência de Bob, apesar de tê-lo amado desesperadamente na idade de dezoito anos. Agora ela estava com vinte e oito anos, e havia poucos fios cinza em seu cabelo ondulado e castanho escuro. Ela era alta e delgada como um salgueiro, mas seus olhos atualmente tinham um olhar assombrado. Ela estava agitada ultimamente, e às vezes ela sentia como se estivesse procurando algo – mas ela não sabia o quê.

"Aqui é legal." Blake estava sorrindo enquanto fitava a neve pela janela. "Você pode apostar que eu não sinto falta de cactos, creosoto⁵, cucos e leitos secos de rios⁶."

"Pelo menos no sul do Arizona não tínhamos toda essa neve, ou você não olhou pra fora pela janela ultimamente?" ela perguntou, sorrindo, e seus olhos enrugaram nos cantos. Ela tinha um rosto de elfo, muito travesso, e uma elegante apresentação, que veio pela insistência de sua mãe em ter uma postura correta. Essas contradições, adicionadas aos fracos traços de sua fala lenta das montanhas do sul, transformavam-na em uma espécie de enigma. Ela ocasionalmente atraía os homens, mas sua rígida educação escocesa-irlandesa não permitia uma percepção casual da vida, e a maioria dos homens da cidade com quem ela teve encontros eram tão negligentes em relação ao sexo quanto eram ao deixar uma

⁵*Creosoto* – *Larrea tridentata*, planta angiosperma, também conhecido como chaparral, da família Zygophyllaceae. Espécie proeminente nos desertos Mojave, de Sonora e de Chihuahua, situados no oeste da América do Norte, incluindo partes da Califórnia, Arizona, Nevada, Utah, Novo México e oeste do Texas nos EUA, e norte de Chihuahua no México.

⁶*dry wash* – refere-se ao leito seco de um rio ou qualquer curso d'água intermitente (como o fundo de cânions); ocorre muitos em regiões desérticas ou semi-desérticas.

mulher pagar sua refeição. Esse era um tipo de vida que servia a muitos, mas Maggie tinha muitas preocupações emocionais. Então ela continuava solteira.

Às vezes ela imaginava se Blake não estava sendo privado de uma companhia masculina somente por causa de suas atitudes. Isso a incomodava, mas ela não queria mudar.

"Neve é incrível," ele suspirou, usando uma palavra que ele usava para assinalar apenas as melhores coisas em sua vida. Torta de cereja era incrível. Assim como beisebol, se os Atlanta Braves⁷ jogassem, e futebol americano, se fossem os Dallas Cowboys⁸.

Ela sorriu para a cabeça escura dele, muito parecida com a sua própria. Ele tinha sua estrutura delgada também, mas ele tinha os olhos verdes do pai. Bob era um homem belo. Belo e muito corajoso para o seu gosto. Morto aos vinte e sete anos, ela suspirou, e para quê?

Ela cruzou os braços ao redor do peito, confortável em sua enorme camiseta vermelha de flanela que ela usava sobre um jeans bem gasto. "Está congelando, isso sim," ela informou ao seu filho. "E não é incrível; é irritante. Aparentemente, o gerador de eletricidade desliga de vez em quando, e o único homem que pode consertá-lo vive bêbado."

"Aquele caubói parece saber como," Blake disse, hesitando.

Maggie concordou relutantemente. "Eu sei. As coisas estavam indo bem até que nosso capataz pediu por uma folga para passar o Natal com a família da esposa na Pensilvânia. Isso me deixou no comando, e o que eu sei sobre administrar um rancho?" ela lamentou. "Eu cresci em uma pequena fazenda, mas eu não sei nada sobre como administrar esse tipo de lugar, e os homens percebem isso. Eu acho que eles não têm confiança em trabalhar para uma secretária, mesmo sendo temporariamente."

"Bom, tem o Sr. Hollister," Blake disse franzindo os lábios em um sorriso travesso.

Ela olhou furiosamente para ele. "O Sr. Hollister me odeia. Na verdade, ele não gosta de você também, mas você parece não deixar que isso fique no caminho de sua admiração pelo homem." Ela jogou as mãos, novamente longe de seu assunto favorito. "Pelo amor de Deus, ele é um cruzamento entre um urso e um alce! Ele nunca sai de sua montanha exceto quando ele quer xingar alguém ou arrumar confusão!"

"Ele é solitário," Blake apontou. "Ele vive sozinho. Eu aposto que é duro, e ele tem que comer da comida que ele mesmo cozinha." Ele se sentou entusiasmamente, seu grosso cabelo sobre a sobrancelha. "Vovô disse que uma vez conheceu um homem que parou de trabalhar com o Sr. Hollister só porque o cozinheiro ficou doente e o Sr. Hollister teve que alimentar os homens."

⁷*Atlanta Braves* – time de beisebol profissional de Atlanta, Georgia, membro da Divisão Leste da Liga Nacional de Beisebol.

⁸*Dallas Cowboys* – time de futebol americano de Dallas, Texas, que disputa a National Football Conference (NFL) pela Divisão Leste.

Maggie olhou o filho com um brilho travesso nos olhos. "Ele provavelmente os alimentou com suas lâminas de barbear," ela murmurou

"Oh, que vergonha," Blake disse com uma risada. "Como é que eu acabei com uma mãe assim?" ele perguntou, olhando o teto.

"Bom, tinham acabado as feias e más, e aqui estava eu," Maggie suspirou, fazendo pose.

Blake riu ainda mais. Ele teria concordado com ela se conseguisse parar de rir. Ele achava que ela era a melhor mãe do mundo, mesmo ela tendo esse problema em relação ao seu adorador Sr. Hollister. "Mas realmente, mãe, se você vai ter que fazer alguma coisa a respeito do gado e dos homens rapidamente," ele finalmente disse, soando maduro e quase sábio. "O gado está se desgarrando. Eu vi alguns deles na propriedade do Sr. Hollister essa manhã."

Ela respirou bruscamente. "Por que você não me falou? Pelo amor de Deus, não fique aí sentado. Você vai pegar o arame farpado que eu vou mandar buscar algumas minas terrestres." Ela estremeceu.

"Ele é um cara legal. Você só não o entende," Blake disse.

Ela ergueu as sobrancelhas "Nós estamos falando sobre o mesmo Sr. Hollister? Aquele que parece um chapéu e um bigode colocados sobre uma pedra?" ela perguntou, se afastando do sorriso divertido de Blake. "Eu aposto que se alguma vez ele sorrisse, seu rosto se partiria."

"O vovô gostava dele," ele a lembrou. "Eu gosto, também. Você apenas não o conhece, isso é tudo. Ele é realmente um cara maneiro⁹."

"Eu não quero conhecê-lo. É por isso que eu passei cada minuto que eu vinha aqui me escondendo dele. E eu nunca vou aprender a entender a linguagem que você fala," ela o avisou. "Vai do murmúrio a gírias de rua e então a algo ininteligível-" Uma alta batida na porta a parou no meio da frase.

"Talvez seja o homem que pode consertar o gerador," ela disse esperançosamente e foi abrir a pesada porta de carvalho. Uma lufada de ar frio a acertou no rosto, temporariamente cegando-a. Montana no inverno era desconfortável, até para os nativos. O fator vento frio era quase insuportável, e a neve parecia que nunca parava. Esse pequeno rancho que ela herdou do sogro estava localizado entre a Montanha Bitterroot a oeste e as Montanhas Pryor a leste, a sul com a fronteira com Wyoming. O rancho bem maior e a enorme casa de Tate Hollister estava em sua divisa norte e apenas a uns quatrocentos metros¹⁰ da pequena casa que ela dividia com Blake. Ela não estava realmente surpresa em encontrar Tate Hollister à sua porta quando ela livrou seus olhos dos flocos de neve. Ele já era alto, mas

⁹No original, *jake* – gíria que se refere a algo aceitável, satisfatório; em português seria algo próximo de maneiro, massa.

¹⁰A *quarter of mile* – 'um quarto de milha', medida que equivale a aproximadamente 400m.

ele parecia ter crescido quase sessenta centímetros desde a última vez em que Maggie o viu. Ele olhou fixamente pra ela, com seus olhos escuros em um rosto muito bronzeado e com lábios finos, que era todo linhas duras e ângulos agudos. Ele parecia estar no final dos trinta, e ele era mais selvagem que qualquer homem que ela tenha visto. Vestido com seu gasto chapéu preto de rancheiro e jaqueta de pele de carneiro, jeans surrados e botas negras, ele parecia um fora-da-lei.

Ele precisava se barbear e seu bigode precisava ser aparado. Seu cabelo grosso e desordenado estava despenteado. Apenas olhar para ele era o suficiente para intimidar muitos homens, e ainda mais Maggie.

"Sim?" ela perguntou com forçado prazer, sua cabeça inclinada cuidadosamente enquanto ele removia suas luvas e as batia em sua palma.

"Dez cabeças do seu gado estão pastando meu suprimento de inverno," ele disse sem preâmbulos. "O que você vai fazer a respeito disso?"

"Premiá-los com a Cruz de Guerra¹¹ por sua bravura acima e além do dever," ela respondeu sem hesitação.

Ele a encarou como se ele não estivesse muito certo de tê-la ouvido. Sua cabeça inclinou um pouco e seu olhos escuros se estreitaram, enquanto Blake lutava para suprimir o riso. "Eu acho que você não entende a situação," ele tentou novamente. "Se você não tirá-los da minha terra e longe do meu feno, eu vou jogá-los no TM."

"Essa é uma expressão do velho oeste," Maggie explicou para Blake. "Significa que ele vai atirar neles." Ela voltou o olhar para Tate Hollister. "Eu espero que você dê a eles uma vantagem plausível. Afinal de contas, eles estão desarmados." Ela sorriu sem expressão.

Os olhos escuros de Hollister se sombrearam com surpresa, e seu bigode realmente se agitou, mas não havia um sorriso em seus lábios. "Sra Jeffries, esse não é um assunto engraçado."

"Sim, senhor." ela fez uma reverência. "O que você gostaria que eu fizesse com o gado?"

Ele parecia tão confuso quanto podia. Deu uma olhada em Blake, irritado com o sorriso do garoto, que foi rapidamente apagado.

"Oh, pelo amor de Deus, onde está Jack Randall?" ele exigiu, sua voz profunda como um violoncelo com o vento uivando do lado de fora.

Ela o fitou. "Jack o quê?"

"Seu capataz, senhora!"

¹¹*Croix de guerre* – Cruz de guerra, condecoração militar francesa criada para homenagear soldados que lutaram nas duas Grandes Guerras.

Ela suspirou. "Oh, ele. Ele foi embora dois dias antes de chegarmos aqui."

"Foi embora!"

Ela colocou uma mão sobre o ouvido. "Por favor. Eu tenho ouvidos sensíveis. Sim, ele foi embora. Ele levou sua esposa para o leste para visitar os parentes no Natal."

"Natal!" ele resmungou, e Maggie olhou para ele com os olhos arregalados, esperando que ele viesse com um forte "Bah, que fraude!"¹² O sentimento estava em sua expressão, mesmo que ele não tivesse dito as palavras, e ela teve que suprimir uma risadinha. Isso fez com que ele fechasse a cara ainda mais. "Você é realmente a mãe deste garoto?"

As sobrancelhas dela se arquearam. Só porque eles nunca se falaram antes não era razão para ele fingir que não sabia quem ela era. Ele a tinha visto pelo menos uma vez ou duas. "Ma é claro," ela disse.

"Eu a encontrei debaixo de uma folha de repolho," Blake opinou, com os olhos verdes cintilando.

Hollister não achou graça e depois de um instante, voltou ao assunto. "E quanto aos outros homens?" ele perguntou.

"Eles estão fora fazendo só Deus sabe o que," ela suspirou. "Nós estamos aqui a três dias e eu não consigo fazer pelo menos um deles para ficar parado o tempo suficiente para ouvir algo que eu tenha a dizer. E o homem que arruma o gerador de eletricidade está-" ela hesitou, olhando Hollister "-indisposto."

"Ele está é na casa dos peões, bêbado," Blake reagiu, sorrindo enquanto ela olhava brava pra ele. "Bem, ele está. Eu olhei pela janela."

"Sinceramente, vocês vão morrer aqui em uma semana," Hollister murmurou, olhando feio para os dois. "Principiantes da cidade! Por que diabos vocês não ficaram no Novo México, onde vocês pertencem?"

"Arizona," Maggie corrigiu. "E nós realmente não pertencemos àquele lugar. Blake e eu nos mudamos para lá do Tennessee."

"Sulistas," Hollister reclamou.

"Povo do leste." ela odiou aquele frio e arrogante olhar escuro. Ela se ergueu em sua máxima altura e ainda tinha que erguer o olhar para poder encará-lo. Ele fazia o nome de seu estado natal soar como o pior tipo de insulto. Maggie ergueu o queixo, e seus olhos cinza chispavam como pedras incandescentes. "Bom, deixe-me te dizer, Sr. Hollister, se eu

¹² 'Bah, humbug!' – Frase emblemática do personagem Ebenezer Scrooge, do livro 'Um Conto de Natal' ('A Christmas Carol') de Charles Dickens, usada para expressar seu desgosto com as tradições natalinas.

estivesse em casa, eu teria ajuda de sobra," ela revidou. "Esses homens parecem pensar que estão sendo pagos pela fada dos dentes, e o único mecânico que eu arranjei não consegue andar a menos que esteja carregando uma garrafa de cerveja!"

Ele nem piscou um olho. "Nenhum caubói em seu juízo perfeito irá seguir ordens de uma mulher da cidade sem nenhum conhecimento sobre como dirigir uma fazenda. E sobre o gerador, eu posso consertá-lo."

Ela a contrariava como nenhum outro homem em sua vida. Ela queria falar pra ele o que ele poderia fazer com sua oferta. Maldito mandão...!

"Então?" ele perguntou, "Eu não posso trabalhar e usar uma lanterna ao mesmo tempo. Arranje-me uma lanterna, garoto."

Blake não hesitou. "Sim, senhor!" ele disse espertamente e saiu correndo atrás de uma.

"Não dê ordens para o meu filho," Maggie disse calmamente. "Eu não gosto que outras pessoas digam a ele o que fazer."

"Se você não gostasse, você não o teria enjaulado numa escola militar," ele replicou friamente, chocando-a porque ela não tinha se dado conta que ele sabia tanto sobre Blake.

Ela prendeu a respiração, mas antes que ela pudesse dizer alguma coisa, Blake voltou com a lanterna. "Eu irei junto e a segurarei para você," ele ofereceu.

"Sua mãe pode fazer isso," ele respondeu com um sorriso arrogante. "Ou você não sabe como?"

Os olhos cinza dela brilharam, e era uma boa coisa ela não ter visto a expressão de alegria endiabrada no rosto de Blake enquanto seus planos secretos para juntar esses dois pareciam se tornar realidade.

"Eu sou secretária executiva de uma empresa de impressão," ela o informou com uma hostilidade rude. "Eu posso fazer muito mais do que segurar uma lanterna."

"Oh, eu posso ver o quão valiosa você seria em uma emergência, com todo esse conhecimento especializado," ele concordou e se voltou para abrir a porta. "Vista um casaco."

Ela respirou profundamente. Em toda sua vida, ela nunca tinha se deparado com alguém como ele. Ele lançava ordens como um sargento. E não ajudava o fato de Blake estar sentado lá com um livro no colo, parecendo a imagem de um garoto estudioso e educado.

Ela mostrou a língua pra ele enquanto vestia o casaco de couro, e ele sorriu como o Gato Risonho¹³.

"Eu vou te pegar por isso," ela balbuciou pra ele e o deixou dando risadinhas no sofá.

Ela seguiu o homem grande ao redor da casa, porque ele nem se deu ao trabalho de esperá-la para atravessar a neve com ele. Ele estava com a lanterna em uma enorme mão enluvada. Ele parou perto do alojamento que protegia o gerador, então empurrou a lanterna para ela enquanto descobria o aparelho e o estudava silenciosamente.

"Segure a lanterna sobre a maldita coisa, como você quiser," ele atirou pra ela. "Eu não posso enxergar no escuro."

"Meu Deus." Ela assoviou. "E você está realmente admitindo isso?"

Ele balbuciou algo que ela estava agradecida por não ter entendido.

Ela sorriu enquanto elevava a lanterna. Estranho como era animador ter um homem que efetivamente não gostasse dela. A maioria dos homens se sentia obrigado a persegui-la. Esse um não iria perseguir ninguém, ela refletiu. Ele não era um homem casadouro ou particularmente um romântico, e era realmente divertido contrariá-lo. Ela nunca tentou perturbar um homem antes, mas era loucamente hilariante. Ela se sentia viva de uma forma que não se sentia há mais de dez anos. Estranho, realmente, ainda mais que Hollister era o último homem no mundo por quem ela poderia se sentir atraída.

Hollister parou e olhou zangado para o gerador. "Essa maldita coisa veio junto com a Arca de Noé," ele balbuciou. "Eu não entendo por que seu sogro não o substituiu."

"Ele provavelmente preferia comer," ela observou, puxando seu gorro sobre as orelhas. Estava caindo neve de novo. "Ele não era um homem rico."

"Poderia ter sido," ele murmurou enquanto tirava as luvas, revelando mãos enormes, mas elegantes, com dedos longos e bronzeados – mãos capazes, com calos nos dedos. "Mas ele ficava adiando as coisas."

"Talvez ele pensasse que o dinheiro poderia corrompê-lo," ela sugeriu.

Ele encolheu os ombros amplos. "Venha." Ele pegou a mão que estava segurando a lanterna e posicionou onde ele queria o feixe de luz sem se importar pela posição dela. A mão dele era quente sobre a dela, e curiosos pequenos tremores desceram por sua espinha até que ele a soltou. "Mantenha aí," ele disse distraidamente, franzindo o cenho sob a aba do chapéu. "Maldição. Espero que esse fio..."

¹³ *Cheshire Cat* – em português, Gato de Cheshire ou Gato Risonho; gato fictício, personagem do livro 'Alice no País das Maravilhas' (*Alice's Adventures in Wonderland*), de Lewis Carroll; seu sorriso largo lembra o sorriso de um malandro.

Ele retirou um canivete enquanto Maggie assistia com fascinação. Ele era de consertar coisas. A maioria dos homens era, e esse fazia com tanto estilo. Ela estudou o perfil dele, no fraco brilho da lanterna, fascinada com a dureza, a natureza inflexível que isso revelava.

Ele pareceu sentir seu atento escrutínio porque ele virou a cabeça. Seus olhos escuros procuraram os dela, penetrantes, questionando. "Bem?" ele perguntou bruscamente.

"Você tem uma linha de cabelo interessante," ela improvisou. A voz dela soou estranha. Provavelmente porque descargas elétricas estavam correndo por sua espinha por causa daquele olhar escuro fitando-a.

Ele ergueu uma sobrancelha peluda como se achasse que ela precisava imediatamente de aconselhamento psicológico. "Isso."

"Obrigada," Ela disse com um sorriso. "Eu pensei nisso sozinha, também."

Ele empurrou o chapéu pra trás enquanto trabalhava no gerador. "O que diabos você e o garoto fazem aqui sozinhos?" ele perguntou subitamente.

Isso não era da conta dele, e ela quase disse isso. Mas ela se deteve a tempo – não seria bom contrariar um homem quando ele estava perto de consertar seu gerador.

"É quase Natal. Blake queria passar algum tempo comigo," ela disse finalmente. "Ele na verdade não gosta da escola militar, e eu acho que ele está querendo me convencer de que eu consigo administrar um rancho nos confins de Montana enquanto ele se senta em uma cerca e te venera."

Ele a olhou com olhos muito abertos e sem acreditar. "O que você disse?"

"Sinto muito. Escapou." Ela se inclinou contra a parede, segurando a lanterna firmemente.

Mas ele não estava se movendo. Seus olhos escuros estavam fixos no rosto dela. "Eu falei: o que você disse, senhora."

Como era possível um homem fazer a palavra senhora se tornar um insulto, ela se perguntou distraidamente. Ela se deslocou. "Blake gosta de você."

"Bom, eu não gosto muito de garotos," ele replicou curtamente. "Ou mulheres da cidade. E também vizinhos. Eu moro sozinho e gosto da minha privacidade. Eu não pretendo tê-la invadida pelo seu filho."

"Isso é explicação suficiente," ela retorquiu, sentindo seu temperamento começando a se elevar. "Agora deixe-me te dizer uma coisa. Eu não gosto de homens em geral e de você em particular, e o que eu acho do seu tipo de homem preencheria um livro inteiro! E quanto ao meu filho, ele só tem nove anos de idade e ele nunca conheceu o pai. O avô dele foi o único homem além de você com quem ele já tenha passado algum tempo. E o Papai Jeffries era

bom e gentil e amável – o exato oposto de você. Blake não sabe o que é um homem, então você terá que perdoar a fixação dele por você!"

O olho esquerdo dele se estreitou e o queixo estava cerrado. "Você está jogando um jogo perigoso, senhora," ele disse em poucas palavras.

"Eu sinto muito se o ofendi, Sr. Hollister," ela respondeu friamente. "E eu te prometo que Blake não terá permissão para chegar uma milha perto de você pelas duas semanas que estivermos aqui."

"Você não durará duas semanas se você não deixar esse aparelho em condições," ele disse abruptamente enquanto enrolava um fio e o fixava com um parafuso. "Aí está. Vamos testar agora."

Ele recolocou a cobertura e ligou o gerador. Maggie tinha que reconhecer que Hollister era bom com as mãos. Ele tinha sorte, ela pensou venenosamente, por ter algo que compensasse sua falta de beleza.

Hollister recolocou as luvas e não olhou para ela. Ela trazia à tona memórias dolorosas, ela e o filho. Já fazia seis anos, mas ele ainda sofria por sua própria família. Ele não queria nem precisava de complicações, mas essa mulher conseguia entrar sob sua pele. E isso o irritava. Ela abria suas feridas e as fazia sangrar. O garoto esfregava sal sobre elas.

Blake abriu a porta e os deixou entrar. "O aquecedor está funcionando!" Ele deu um largo sorriso para o homem grande e carrancudo.

Os olhos escuros de Hollister se voltaram para aquela face infantil com tudo menos afeição. O garoto parecia com um garoto – todo de cabelo despenteado e olhos que brilhavam com travessura. Exatamente como a mãe dele. Essa dupla iria lhe causar problemas. Ele podia sentir isso em seus ossos. Ele sentia falta do velho, porque Jeffries nunca o importunou. Mas Blake sim, a cada oportunidade. Quando ele vinha visitar Jeffries no verão, Tate não podia caminhar sem acabar de encontro com ele. Isso tinha sido irritante no início, e depois francamente doloroso. Ele ficou contente quando o garoto foi embora no fim do verão e voltou para a escola. Agora ele estava de volta mais uma vez, e Hollister estava sentindo as mesmas antigas apunhaladas de memória, só que eram piores. Porque agora ela estava aqui, também, e ele estava há muito tempo sem uma mulher. Ela despertava sensações que ele tinha esquecido que poderia sentir, e ele as odiava. Maldição, ele odiava o mundo...!

Maggie lançou um olhar para ele, surpresa pela sua fria reação para com a gratidão de Blake. Entretanto, ele era um homem frio, ela pensou enquanto tirava o gorro, o casaco e as botas. Graças a Deus que ele não ficaria muito por perto.

"Sim, obrigada por consertar o gerador," Maggie concordou. "Suponho que você tenha que ir para casa, então nem vou oferecer para fazer café..."

Ela não queria, ela queria dizer. Por incrível que parecesse, isso irritou Hollister.

Ele não gostava do jeito que ela reagia a ele. Ele sabia que não era belo, pelo amor de Deus, mas ela tinha que deixar tão claro que o achava feio?

"Aquele gado tem que ser movido. Eu encontrarei seus homens e os colocarei para fazer isso."

"Obrigado," ela disse, decidindo não discutir porque isso só o faria ficar mais tempo, e ela não queria isso.

"Você não gostaria de tomar uma xícara de café?" Blake convidou, enquanto Maggie se engasgava. Não, Blake, ela gemeu interiormente.

Hollister viu o olhar no rosto dela e só por causa disso, ele disse sim.

Maggie forçou um sorriso nos lábios. Seja generosa, ela disse a si mesma. Ele consertou o gerador. Você não vai congelar. O mínimo que você pode fazer é dar ao pobre homem gelado uma xícara de café quente. Se ela pelo menos tivesse como colocá-lo junto na chaleira... "O que você gosta no seu café, Sr. Hollister?" ela perguntou, com forçada doçura.

Ele tirou o chapéu, revelando seu grosso cabelo preto. Neve caiu do chapéu quando ele o colocou no chapeleiro e largou o grosso casaco. Debaixo ele usava uma camisa xadrez vermelha de flanela e pelo que ela podia notar, sem camiseta por baixo. A flanela estava desabotoada até a metade de seu peito forte escuro, e tinha a mais grossa cobertura de pêlos que ela já tinha visto em um homem.

Ela olhou fixamente para ele. Ela não conseguia se conter. Apesar de seu breve casamento, ela não sabia quase nada sobre homens. Bob era tão inexperiente quanto ela, e também tímido, então ela aprendeu muito pouco naqueles encontros desajeitados no escuro. Mas Hollister tinha uma masculinidade selvagem, um olhar indomável que fazia o sangue dela correr como louco e seu pulso fazer coisas inesperadas. Ela nem gostava dele, mas ele tinha um perigoso apelo sensual. Ela forçou seus olhos de volta para as xícaras brancas onde ela estava colocando café.

"Eu gosto do meu café puro, senhora Jeffries," Hollister disse calmamente.

Ela sabia daquilo antes mesmo de fazer a pergunta. Ele parecia esse tipo de homem. Sem frescuras, sem enfeites. Ela apostava que ele bebia seu uísque puro e nunca colocava catchup na carne. Ela elevou o olhar enquanto ele se aproximava da xícara, cheirando a vento, pinheiro e couro.

"Eu apostaria que você nunca coloca catchup em um bife," ela disse sem pensar.

Ele procurou os olhos dela curiosamente. "Na verdade, não coloco," ele concordou. Suas grossas sobrancelhas se moveram levemente. "O que trouxe isso à tona?"

Ela baixou os olhos para o café. "Eu não sei." Ela levantou a xícara, mesmo estando quente. Involuntariamente o olhar dela se dirigiu para as mãos de Hollister. Elas a fascinavam, agora que ela sabia o quanto eram capazes. Elas eram enormes. Magras. Muito bronzeadas, com grossos pelos nos pulsos e duros músculos nos longos dedos. Unhas curtas, muito limpas. Ela podia imaginar aquelas mãos fazendo qualquer coisa necessária em um rancho, desde consertar geradores até ajudar no nascimento de um bezerro.

"Você ainda tem aquele enorme touro aberdeen angus¹⁴, Sr. Hollister?" Blake perguntou. Ele se juntou a eles na mesa e estava tomando refrigerante de uma lata que ele pegou na geladeira.

Hollister odiava quando o garoto lhe fazia perguntas. Mas o menino tinha uma naturalidade para trabalhar no rancho, e ele lembrava vivamente da facilidade com que Blake ajudou o velho Jeffries no nascimento de um bezerro e no tratamento de um dos touros. "Eu ainda o tenho," ele respondeu curtamente. Ele lançou um olhar para Blake, os olhos subitamente curiosos, perdendo o ar severo enquanto ele se dava conta de que o garoto estava realmente interessado e não fazendo perguntas sem sentido. "E eu também comprei um novo touro híbrido hereford¹⁵. Eu vou fazer um cruzamento três-em-um no próximo ano. Angus com beefmaster¹⁶, beefmaster com hereford, e voltar para o angus."

"Angus são fáceis de dar cria." Blake disse sabiamente "E hereford são difíceis. E beefmasters são uma boa escolha para melhorar a carne."

"Com bom peso ganha melhores proporções," Hollister concordou. O garoto andou estudando para aprender tudo isso. Ele estava impressionado sem querer. "Tive que vender meus touros brangus¹⁷. Depois de dois anos de procriação consanguínea, você pode arranjar problemas se não introduzir um pouco de sangue novo no seu rebanho."

"Isso é um fato," Blake disse, tomando seu refrigerante. Maggie, perdida, encarou os dois. Hollister por acaso olhou na direção dela e levantou uma sobrancelha. Ele chegou o mais próximo de sorrir naquele momento do que nos últimos seis anos.

"Alguma coisa está te incomodando, Sra. Jeffries?" ele perguntou, com sua entonação profunda e lenta.

¹⁴*Aberdeen angus* – raça de gado bovino desenvolvida na Escócia, a partir de gado nativo dos condados de Aberdeen e Angus; é destinado à produção de carne de qualidade superior; são naturalmente sem chifres e sua pelagem é normalmente preta ou vermelha.

¹⁵*Hereford* – raça bovina originária do condado inglês de Hereforeshire, destinada principalmente à produção de carne; possuem normalmente pelagem avermelhada e cara branca.

¹⁶*Beefmaster* – raça de gado bovino de corte desenvolvida a partir do cruzamento das raças Hereford e Shorthorn com Brahman; a intenção original era desenvolver gado que pudesse produzir economicamente no ambiente difícil do sul do Texas.

¹⁷*Brangus* – raça de gado de corte robusto e popular, trata-se de um cruzamento entre as raças Angus e Brahman; é resistente ao calor e alta umidade; possui pelagem avermelhada.

"Ela não sabe muito sobre gado," Blake disse. "Mas ela é uma perita em matemática, em cálculos contábeis e em organizar as coisas. Ela é a principal secretária da Skyline Serviços de Impressão e uma especialista em computador."

Ela se moveu impacientemente. "Não fique se gabando de mim desse jeito," ela disse ao filho. "Eu só aprendi contabilidade para me livrar da datilografia. E aprendi programação de computadores para me livrar da contabilidade."

"Muitas mulheres não são boas em matemática." Os olhos escuros de Hollister se estreitaram em seu duro rosto. "Minha mãe dificilmente podia contar galinhas."

"Sempre foi a minha melhor matéria na escola," Maggie respondeu. "Meu pai era fazendeiro. Ele mantinha um livro-caixa, e eu era a escrevente da folha de pagamento. Ele me ensinou a adicionar mentalmente colunas de valores."

"Os pais dela estão mortos agora," Blake disse espontaneamente. "Eu tenho três tios, mas eles estão espalhados pelo país e nunca os vejo."

"Um fazendeiro?" Hollister persistiu. "Que tipo de criação ele tinha?"

"Gado e porcos para engorda," ela replicou. "Ele tinha pastagens também. Bem do lado das colinas, mas ele fazia muito bem. Nós tínhamos vacas jersey¹⁸ e algumas holandesas¹⁹."

O homem alto terminou seu café. "Mas você não sabe como criar gado?"

"Um punhado de vacas, a maioria leiteira, não qualifica ninguém para lidar com algumas centenas de cabeças de gado de corte," ela lembrou-lhe. "É um assunto completamente diferente. E eu tinha apenas dezoito anos quando me casei com o pai do Blake e troquei a fazenda pela cidade. Eu esqueci quase tudo do pouco que aprendi sobre como administrar uma fazenda."

As mãos grandes de Hollister brincavam com a xícara vazia. "Eu fui à escola com Bob Jeffries," ele disse. "Ele estava um ano atrás de mim."

Ela ficou muito quieta. "Ele morreu na América Central antes do Blake nascer. Nós estávamos casados há menos de seis meses," ela suspirou. "Às vezes isso parece um sonho. Exceto pela prova viva sentada aí tentando parecer invisível enquanto toma seu refrigerante," ela incluiu, lançando um sorriso seco para Blake.

Blake apenas sorriu de volta, mas ele estava escutando.

¹⁸*Gado Jersey* – raça de gado bovino de pequeno porte, originária da Ilha de Jersey, Grã Bretanha, usada principalmente como gado leiteiro

¹⁹*Gado Holstein* – raça bovina de origem européia, também conhecida como *Holandesa*, é uma das raças de maior aptidão leiteira, inclusive muito comum no Brasil; possui pelagem malhada, preta e branca ou marrom e branca.

"Bob amava perigo," Maggie lembrou, ciente do olhar estreito de Hollister em seu rosto. "Ele se alimentava de adrenalina. Logo depois de nos casarmos ele tentou abrir mão disso." Ela sorriu tristemente. "Não funcionou. Para ele era como tentar não respirar."

"Eu nunca o conheci," Blake suspirou. Ele ergueu o olhar para Hollister. "Você não é casado, ou é, Sr. Hollister?"

Hollister fitou a xícara de café vazia. "Eu fui." Ele colocou a xícara sobre a mesa e se voltou. "Obrigado pelo café. Eu vou arrebanhar seu gado e colocá-los na direção certa." Ele vestiu o casaco e baixou o chapéu sobre um dos olhos, lançando um olhar para Blake e sua mãe sem sorrir. "Se eu fosse vocês, eu ficaria dentro de casa até que essa neve pare. E ainda vou ter aquela cerca consertada antes dos seus homens voltarem."

"Obrigado por consertar o gerador," ela disse, entre aliviada e irritada por ele arcar com os problemas dela.

Ele abriu a porta. "Sem problemas. Boa noite." Ele foi embora em um redemoinho de vento e flocos de neve, e Maggie o fitou se sentindo estranhamente vazia e só. Era estranho sentir dessa forma a respeito de um homem que ela não gostava.

"Ele deve ser divorciado," Maggie disse distraidamente. Blake se uniu a ela na cozinha, terminando de tomar sua lata de bebida.

"Não, ele é viúvo," ele contou pra ela. "Vovô disse que a família inteira dele foi morta em um acidente em Rockies. O Sr. Hollister estava dirigindo. Sua esposa e o filho morreram, e ele não." Ele encolheu os ombros, ignorando o choque e horror no suave rosto de sua mãe. "Vovô disse que é por isso que ele vivia do jeito que vive, sozinho e longe de todos. Que ele estava se punindo por não ter morrido também. É muito ruim. Ele com certeza é um homem agradável."

Ele olhou rápido para sua mãe e voltou a olhar para confirmar a expressão que viu no rosto dela. Ela realmente parecia interessada. E isso o fez sorrir, mas ele era cuidadoso para não deixá-la vê-lo fazendo isso.

Capítulo Dois

Com o gerador de eletricidade consertado e a neve diminuindo, graças a Deus, Maggie passou o dia revisando o balanço das finanças do rancho. Blake estava ocupado com um novo jogo de computador enquanto escutava músicas natalinas em uma rádio de country e western local. Ela imaginava como o vovô Jeffries resolveu administrar uma fazenda em primeiro lugar, tendo passado tanto tempo adicionando novas terras para o rancho quando as taxas de juros estavam muito altas e tendo passado tão pouco tempo melhorando o rebanho.

O pouco que ela conseguiu captar de Hollister sobre cruzamentos elevou sua curiosidade. Ela imaginava se seu sogro estava tentando esse ângulo, ou se ele apenas criava gado de corte sem se preocupar com pedigree ou melhoramento genético.

O verdadeiro grande problema, no entanto, não era como tinha sido o passado do rancho. Era sim o que seria no futuro. Ela odiaria vendê-lo. Havia algo majestoso e real sobre a área rural de Montana. Sobre montanhas que tocavam o céu e árvores quase tão altas. Havia espaço aqui, não como o Arizona que ela veio a amar, e haviam valores básicos.

Blake amaria ficar no rancho, tendo gado para criar, e ele teria uma herança para herdar. Mas como ela iria manter isso sem dívidas, sozinha? Enquanto ela admitia, ela sabia nada sobre a rotina diária de um rancho, mesmo sobre como criar gado. A pior coisa no mundo seria lidar com isso sem ter habilidade. Ela iria quebrar a cara e perder tudo, e onde ela ficaria então?

Blake, notando os traços de preocupação em seu rosto oval, salvou o jogo que ele estava jogando e, cuidadosamente removendo os discos primeiro, desligou primeiro. Ele baixou o volume do rádio e se voltou para olhá-la. "Algo está errado, não é?" ele perguntou.

Ela sorriu. "Eu não sou rancheira," ela suspirou. "Isso diz tudo. Esse lugar precisa de um criador de gado, não de uma secretária de férias."

"Há sempre..."

"Sr. Hollister," ela exclamou com um olhar brilhante na direção dele. "Você não sabe outras palavras?"

Blake sorriu, nem um pouco moderado. "O primeiro nome dele é Tate."

Ela virou os olhos em direção ao teto e voltou para os números. "Eu nunca serei capaz de fazer isso funcionar."

"Nós temos um ótimo capataz," Blake disse sensatamente. "E isso é essencialmente tudo o que precisamos."

"Você faz isso soar tão fácil," ela replicou e sorriu cansadamente para ele. Provavelmente na idade dele tudo era fácil. Era apenas quando as pessoas cresciam que a vida ficava tão complicada. "Bom, vou pensar sobre isso," ela prometeu.

Mas Blake foi dormir aquela noite desagradado porque ela tinha aquele olhar no rosto. Aquele que dizia: Estou desistindo enquanto estou na frente. E a todo custo, ele não podia deixá-la sair dessas montanhas antes que ele tivesse uma boa chance de juntar ela e o Sr. Hollister. Eles estavam ambos sozinhos, tinham mais ou menos a mesma idade, e ele era louco pelos dois. Por que não poderia dar certo? Ele desligou a luz para sua mãe pensar que ele estava dormindo, e antes que ele se entregasse ao sono ele tinha a resposta.

Maggie fez panquecas na manhã seguinte, e Blake comeu duas porções antes de se levantar da mesa, colocou as botas e um casaco grosso e anunciou que iria descer a encosta para o rio e ver se estava congelado.

"Tome cuidado," ela avisou enquanto ele saía, lembrando a si mesma que jovens garotos tinham que ter alguma independência e que ela não poderia mantê-lo dentro de casa o resto da vida dele.

"Com certeza," ele prometeu. Ele deu uma risadinha. "Te vejo em algumas horas. Estou usando meu relógio, então vou saber a hora que terei que voltar, tá bom?"

Ela sorriu levemente. "Está bem."

Mas se passaram duas horas, somadas a mais duas, e ele ainda não tinha voltado. Maggie estava frenética. Ela tentou procurar, mas ela não tinha idéia de como descobrir por onde ele tinha ido. Ela não acreditava nos homens, também. Não com a vida de Blake. Ela fez careta, apertou os dentes e tentou ficar calma. Havia apenas uma pessoa no mundo que ela confiava para encontrar Blake. Em uma febre de impaciência, ela entrou no Bronco²⁰ com tração nas quatro rodas que Blake a convenceu a comprar no verão e desceu rapidamente a estrada para a propriedade de Hollister.

A casa de Hollister era um grande abrigo rústico, com um exterior em madeira envernizada, todo ângulos e vidro. Toda parte visível tinha sua própria janela, e julgando pelo número e tamanho das chaminés, devia ter também várias lareiras. Maggie nunca pôs um pé lá dentro, mas ela tinha visto vezes suficientes da estrada.

Ela saltou do Bronco, apertando a jaqueta de couro o máximo contra o vento cortante. O vento frio nessas partes era temível, mesmo em dezembro.

O alpendre frontal era longo e tortuoso, com várias cadeiras, mas ela não parou para admirar a vista. Ela bateu freneticamente na porta da frente e só então ela imaginou o que iria fazer se ele não estivesse em casa. E se ele ficasse fora o dia inteiro, ou fora a negócios, ou...

A porta se abriu. Tate Hollister olhou por sobre uma xícara de café fumegante, sua camisa de flanela azul enxadrezada sendo a única coisa clara e convidativa sobre ele enquanto baixava o olhar sobre ela.

"Eu não me lembro de tê-la convidado para o almoço," ele disse.

Ela lançou um olhar raivoso para ele. "Blake desapareceu," ela disse com hesitação. Agora que ela estava aqui, era mais difícil do que ela tinha imaginado. Ele parecia pedra, com bigode e tudo.

²⁰*Ford Bronco* – veículo utilitário-esportivo (SUV) com tração nas quatro rodas, produzido entre 1966 e 1996; foi posteriormente substituído pelo *Ford Expedition*.

"Não olhe pra mim," ele disse sem se perturbar. "Não estou com ele."

"Ele disse que ficaria fora por duas horas." Ela mordeu o lábio inferior. "Ele foi descer a encosta para ver se o rio estava congelado. Isso foi há quatro horas, e está nevando de novo." Os suaves olhos cinza dela olharam para ele impotentemente. "Eu não posso nem encontrar pistas."

"Ele está pregando uma peça," ele disse a ela de forma sossegada. "Quando ele tiver o suficiente, voltará para casa."

"Ele não está," ela argumentou. "Ele é como eu. Se ele diz que vai fazer alguma coisa, ele faz isso. Ele não prega peças."

"Você não sabe muito sobre garotos, sabe?" ele refletiu.

Ela estava congelando, e a atitude dele não a estava aquecendo muito. "Não, eu suponho que não," ela admitiu sem rodeios. "Eu tenho estado tão preocupada tentando nos sustentar para ter mais tempo para aprender, também, e Blake às vezes é uma tarefa difícil."

Os olhos escuros dele passaram lentamente sobre a face dela, como se ele nunca tivesse realmente olhado para ela antes. Em torno deles, o vento soprou e neve salpicou o alpendre, mas ele parecia não notar.

"Ele pode estar machucado," ela disse com suavidade involuntária. "Estou com medo."

Ele fez beicinho, o bigode se mexendo. "É uma peça," ele repetiu. "Mas eu irei. Você pode esperar lá dentro se quiser, enquanto eu pego meu casaco."

Ela não entendia por que, mas ela não queria entrar naquela casa. Ela pensou repentinamente na esposa e criança que ele perdeu, e o pé dela congelou no alpendre. Isso seria como uma intrusão.

"Não," ela hesitou. "Eu vou... Eu vou esperar aqui fora, obrigada."

Ele franziu o cenho levemente, confuso, mas deu de ombros e saiu atrás de seu casaco.

Ela estava encostada no Bronco quando ele saiu, seu tronco e os quadris estreitos cobertos pelo grosso casaco de pastor, seu grosso cabelo preto embaixo da larga aba do seu Stetson²¹ preto e o que parecia ser um rifle em uma das mãos. Olhando mais perto, era mesmo, e ela franziu o cenho.

"Você pode dirigir se quiser..." ela começou, mas ele estava indo pro outro lado. "Onde você está indo?" ela chamou, correndo para manter o passo com ele enquanto ele ia em direção aos estábulos estrada abaixo em relação a casa.

²¹ *Stetson* – Marca de chapéu fabricada pela Companhia John B. Stetson; a palavra *stetson* é muito usada como um termo genérico para chapéu de caubói.

"Você é louca se pensa que eu vou com um veículo, mesmo sendo um tracionado, naquele barranco abaixo," ele disse comodamente. "Eu vou a cavalo."

"Com um rifle? O que você vai fazer com isso?"

Ele lançou pra ela um olhar impaciente. "Oh, pelo amor de Deus, mulher, eu não vou atirar no garoto."

"Eu não disse isso," ela titubeou.

Ele fez um som que refutou isso e continuou andando enquanto ela corria atrás dele.

"Você pode esperar na casa ou ir embora," ele disse. Abriu a porta do estábulo, e ela viu uma extensa viela cheia de serragem, com estábulos brilhantes e limpos em cada lado, algumas abrigando cavalos.

"Ele é meu filho. Eu quero ir também."

Ele se voltou, encarando-a. "Você sabe cavalgar?"

"É claro que sei cavalgar," ela disse, irritada.

"Bem, bem. Você não é bem a flor que eu pensei que você era," ele refletiu enquanto ia para a sala do estábulo²².

E o que isso significava, ela imaginou, mas a ansiedade a manteve quieta. Ele selou uma pequena égua castanha mansa para ela e um enorme capão amarelo para ele. Neve caía regularmente enquanto eles estavam fora do estábulo.

"Molly não vai te derrubar, mas ela tem uma tendência de raspar as pessoas contra o tronco de árvores, então mantenha os olhos abertos," ele disse enquanto segurava a égua para ela montar.

Ela montou facilmente na sela, sentando ereta, segurando firmemente as rédeas nas mãos.

Ele ergueu o olhar. Seus olhos escuros aprovaram a excelente postura dela e ele sorriu. Essa era a primeira vez que ela se lembrava de tê-lo visto sorrir, e o rosto dele nem se moveu.

"Sem chapéu," ele disse então e voltou à sala do estábulo, retornando com um velho Stetson, que ia abaixo até as orelhas dela, mas que mantinha a neve fora. "Vamos." Ele montou em sua própria sela e tomou a frente. "Siga no meu encalço," ele disse por sobre o ombro. "E não se perca."

²²*tack room* – sala ou quarto localizado dentro ou próximo ao estábulo, onde são guardados objetos e equipamentos utilizados com os cavalos, como arreios, selas, estribos, etc.

"Senhor, sim Senhor Hollister," ela murmurou sob a respiração.

"O que foi isso?"

Ela desviou os olhos daquele olhar escuro. "Nada."

Parecia que só havia os dois no mundo enquanto eles cavalgavam através dos altos pinheiros e álamos, onde a neve era menos grossa, e Maggie pensou de forma irrelevante que essa era a melhor forma de ver Montana. Não em um carro, ou a pé. Mas sobre um cavalo, com couro rangendo enquanto cavalgavam, e o cheiro do ar fresco da montanha, o sopro do vento e da neve no rosto. Se ela não estivesse tão preocupada com Blake, ela deveria ter sido capaz de apreciar isso.

Ela ainda estava tensa, mas de alguma forma ela sabia que o que quer que estivesse errado, Hollister seria capaz de lidar com isso. Ela olhou para ele curiosamente, admirada com a sensação de segurança que ela sentia com ele, mesmo em uma emergência como essa. O que trouxe a mente dela de volta para Blake e para a centena de coisas que podiam ter acontecido com ele, o mínimo sendo o suficiente para deixá-la nauseada. Ele era tudo que ela tinha...!

"Eu perguntei," Hollister repetiu curtamente, "por qual caminho ele foi quando ele saiu de casa?"

Ela ergueu os olhos, para ver sua própria cabana bem a frente deles. Ela teve que piscar duas vezes para fazer sua mente voltar aos trilhos. "Desculpe." Ela mordeu o lábio inferior. "Ele foi para lá," ela acenou com a cabeça na direção da parte traseira da cabana, em direção ao extenso morro detrás.

Ele dirigiu a ela um olhar irritado antes de impulsionar sua montaria para a frente, tão em casa na sela como se ele fosse parte do grande cavalo. Na metade do caminho montanha abaixo, ele ergueu a mão e desceu do cavalo, ajoelhando-se na neve para olhar. Ele foi a pé a partir dali, parando para examinar galhos, seus olhos aguçados e rápidos enquanto olhavam em torno do terreno montanhoso da floresta.

"Ele foi por ali," ele murmurou, seus olhos apertados enquanto estudava a ladeira abaixo. Sua cabeça se ergueu, e ele escutou. Maggie ouviu também – uma voz.

"Blake!" o timbre profundo de Hollister cortou o vento, alcançando, berrando.

"Socooooooooorro!"

O grito era definitivamente de Blake, e havia uma estranha nota de medo nela. Maggie quase gritou ela mesma, sentindo na alma aquele grito penetrante.

Hollister nem olhou para Maggie. Ele tirou o rifle da bainha na sela dele e montou novamente, dirigindo o cavalo em direção ao grito.

Maggie impeliu sua montaria atrás dele, apavorada. Hollister não era um homem histérico. Se ele reagia dessa forma, tinha um motivo. Mas mesmo que ela pensasse isso, ela ouviu o som, e isso a congelou até os ossos. Um soluço se prendeu em sua garganta. Ela conhecia o uivo dos coiotes, mas esse som era mais profundo, mais opulento, mais ameaçador. Esse era o uivo de um lobo... Hollister urgiu sua montaria morro abaixo com um movimento rápido que Maggie fez seu melhor para seguir, frustrada pela neve que dificultava tanto para chegarem até Blake.

Com o coração pulsando na garganta, medo cego sufocando-a, ela segurou as rédeas e sentiu seus batimentos cardíacos sacudindo-a enquanto ouvia a voz aguda de Blake.

À frente dela, Hollister abriu caminho rapidamente através de outro grupo de álamos, através da densa vegetação rasteira, e Maggie, bem atrás de sua montaria, captou um aterrorizante vislumbre de uma pequena cabeça negra bem abaixo, perto da faixa de água que cortava a neve. Blake! E só alguns metros à frente, espreitando, um grande lobo prata.

Maggie sentiu o coração parar. Seu filho. Seu garoto! Ela viu Hollister apear, ouviu sua voz.

"Não se mova!" ele gritou para Blake e baixou o tambor do rifle com uma economia de movimentos que era tão ameaçador quanto o lobo em si.

Houve um súbito estampido, e então outro e outro, o estalo de tiros de rifle ecoando com horrível violência montanha abaixo e acima no próximo declive, em desacordo com a beleza pastoril e a paz que eram perturbadas.

"Blake!" Maggie gritou, lágrimas escorrendo por suas bochechas enquanto ela descia da sela. Saía fumaça do rifle nas mãos de Hollister, mas antes mesmo de a fumaça sumir, ele estava descendo o declive, sua forma enorme absorvendo o impacto de seus passos com graça e facilidade. Maggie estava logo atrás dele.

"Sr. Hollister! Mãe!" Blake gritou, sua voz excitada e estridente com dor.

Por meio das lágrimas, Maggie podia ver o ângulo anormal em que estava a perna esquerda de Blake. Com certeza quebrada, ela pensou doentamente, e agradeceu a Deus por ter Tate Hollister.

O homem ajoelhou rapidamente ao lado do garoto, o rifle colocado de lado enquanto ele inspecionava a perna, e Blake retraiu-se. Maggie se colocou do outro lado de Blake, abraçando-o, se sacudindo em reação.

"Quebrada," Hollister murmurou. "Uma fratura simples, graças a Deus, não uma complexa. O que aconteceu?"

"Escorreguei." Blake tentou sorrir. "Eu vim pra cá... checar o rio. Caramba, Sr. Hollister, aquele lobo com certeza é uma beleza. Eu acho que é por isso que você não o matou, huh?"

"Lobos cinzentos estão muito perto da extinção," Hollister disse enquanto se levantava e quebrava dois galhos de uma árvore. "Se ele não tivesse recuado, eu não teria outra escolha, mas eu o espantei. Eu odeio matar quando não é preciso. Maggie, eu preciso de panos para fazer uma tala," ele disse enquanto tirava um cobertor do seu lugar logo atrás da sela em seu cavalo.

Ele amarrou os galhos para fazer uma tala e então muito cuidadosamente colocou a tala por baixo da perna de Blake.

Essa foi a primeira vez que ele a chamou pelo nome, e Maggie não podia entender por que seu coração disparou. Ela se soltou de Blake tempo suficiente para dar a ele o lenço de lã que ela tinha ao redor do pescoço.

"Isso vai dar?" ela perguntou em um tom tremente, passando o lenço para Hollister enquanto Blake apertava firmemente sua mão e tentou reassegurá-la de que ele estava bem.

"Oi, rapaz," ela disse e arruinando seu autodomínio ao cair em lágrimas.

"Aw, corta essa, mãe," Blake resmungou. "É só uma perna quebrada."

"Me desculpe," ela disse, tentando rir. "Você sabe como são as mães."

Hollister lançou um olhar para ela, mas não disse nada. Ele puxou seu canivete e fez um limpo corte bem embaixo da bota de Blake para que toda a coisa fosse exposta e facilmente removida. Daí ele posicionou os galhos que ele quebrou em cada lado da perna de Blake e colocou sua bandana de algodão perto do lenço de Maggie. "Tudo bem," ele falou para Blake calmamente. "Isso vai ser difícil. Eu tenho que endireitar essa perna e colocar a tala, e vai doer muito. Quer alguma coisa pra morder?"

"Oh, mas você não pode-" Maggie já estava protestando.

"Cala a boca," ele disse a ela, seus olhos escuros, firmes e desafiantes.

Ela se calou, no mesmo instante, sem um argumento, porque aquele olhar duro era como um banho de água fria.

"Eu ficarei bem," Blake disse entre dentes, acenando. Ele apertou as mãos em cada lado e se apoiou nelas. "Vá em frente."

Maggie sentiu lágrimas jorrarem de seus olhos enquanto Hollister trabalhava, suas mãos hábeis e seguras. Blake gritou apenas uma vez e quase desmaiou quando Hollister puxou a perna de volta para o lugar, mas o garoto não deixou escapar nenhum outro som, mesmo quando a tala temporária foi colocada e amarrada no lugar. Mas seu rosto estava branco como gesso quando Hollister terminou.

"Tudo bem?" Hollister perguntou, e sua voz estava diferente. Gentil. Mais profunda. Ele sorriu para o garoto.

Blake se alegrou. Ele controlou um sorriso porque isso era como um ponto decisivo em seu relacionamento com o rancheiro taciturno. "Tudo bem," ele concordou.

"Aqui." Hollister passava seu rifle para Maggie. "Espere um momento. Deixe-me acionar a trava de segurança." Ele fez isso e devolveu a arma. "Não vai atirar no próprio pé," ele a advertiu.

Ela olhou feio para ele. "Eu sei qual lado apontar, obrigada."

Tate não sorriu, mas seus olhos escuros cintilaram. Ele ergueu Blake muito cuidadosamente, mas Blake prendeu a respiração com a dor que o movimento causou. "Isso é fazer do jeito difícil, eu sei," ele disse a Blake enquanto o carregava para o cavalo, "mas isso não pode ser impedido. Nos tempos passados, os índios das planícies faziam um travois²³, uma espécie de armação, e puxavam os guerreiros feridos nisto de volta para o acampamento."

"Um... travois?"

"Isso mesmo." Hollister apoiou Blake na sela enquanto montava atrás dele e o virava sobre seus joelhos, maravilhosamente gentil ainda que Maggie pudesse ver a dor no rosto jovem de Blake. "Eu vou te contar sobre isso no caminho de volta," ele falou, acenando para Maggie que conseguiu colocar o rifle de volta na sela de Hollister antes de montar na égua.

Ela deixou Hollister tomar a frente, admirada por sua habilidade como mateiro enquanto ele os guiava diretamente de volta à cabine sem exagero ou desviar do caminho, conversando suavemente com Blake o tempo todo, sua profunda voz firme e confortante. Tornou-se claro para ela que ele não estava apenas jogando conversa fora. Ele estava mantendo Blake calmo para que ele não entrasse em choque.

Ela imaginou o que teria feito se Tate não estivesse por perto. Ela teria feito o seu melhor, mas seria bom o suficiente? Só de pensar naquele lobo fazia seu sangue gelar. Mas o homem que ela imaginava que Hollister era teria matado o lobo sem pensar duas vezes. Em vez disso, ele deu um jeito de afugentá-lo porque ele não gostava de matar a menos que fosse necessário. Os olhos cinza dela assistiram calmamente sua figura alta, curiosamente, e novas sensações começaram a florescer dentro dela.

"Mantenha-o aquecido," ele disse a Maggie depois que chegaram à cabine e ele colocou Blake cuidadosamente no sofá. "Algumas aspirinas não seria ruim até que possamos levá-lo ao médico em Deer Lodge²⁴. Mantenha-o conversando. Isso vai ajudá-lo a lutar contra o

²³*Travois* – uma armação utilizada pelos índios norte-americanos, principalmente os índios das planícies, para transportar cargas, e até mesmo pessoas; consistia em duas estacas compridas, com as pontas amarradas uma na outra, e as outras pontas amarradas uma de cada lado de um cachorro ou cavalo; um estrado ou uma rede era colocado para levar a carga.

²⁴*Deer Lodge* – cidade, e também sede administrativa, do condado Powell, no estado de Montana.

choque. Eu vou levar os cavalos para casa e trazer o Bronco de volta o mais rápido que eu puder. Você deixou as chaves dentro, certo?"

Ela confirmou com um aceno e ia começar a falar, mas ele já tinha ido antes mesmo que ela conseguisse abrir a boca.

"Ele não é mesmo impressionante?" Blake suspirou sobre sua dor.

"Ele é," Maggie confirmou. Ela penteou para trás os cabelos pretos dele. "Você vai agüentar?"

"Com certeza," ele disse, sorrindo. "Eu sou duro."

"Acho que você é mesmo, depois disso. Eu vou pegar as aspirinas."

Na hora em que Hollister voltou, Blake estava com um pouco menos de dor, apesar de ainda estar gemendo um pouco.

"Eu vou colocá-lo no assento traseiro," Hollister falou, levantando Blake suavemente. "É melhor você sentar atrás com ele. Do jeito que a neve está caindo, nós podemos escorregar um pouco ao descer para o vale."

"Eu gostaria de agradecê-lo o suficiente-" ela começou.

"Abra a porta," ele disse sucintamente, ignorando os esforços dela para dizer-lhe como se sentia.

Ela suspirou suavemente e fez o que lhe foi dito.

Todo o caminho até Deer Lodge, segurando a mão de Blake em seu colo, ela admirou-se com sua nova aceitação do comportamento grosseiro de Hollister. Ele a fazia se sentir feminina. Assistindo o jeito fácil e confiante com que ele manejava o Bronco, ela lembrou a mesma facilidade com a qual ele consertou o gerador, tratou a emergência da perna quebrada de Blake, assustou o lobo e os trouxeram da montanha abaixo de neve profunda. Ele era simplesmente incrível. E ela se sentia subitamente ferida por ele ter um passado que não o permitiria entregar seu coração porque estava ficando evidente para ela que ela estava querendo o coração dele. Ela queria aprender tudo que havia sobre ele. Ela queria afastar as linhas duras daquele rosto escuro e fazê-lo rir. Ela imaginou se ele ao menos sabia como rir, com toda a tragédia que ele conheceu.

O Dr. Peters examinou a perna de Blake na pequena clínica e a preparou, elogiando o tratamento de primeiros socorros que Hollister fez e colocou um grosso molde de gesso. Ele escreveu para Maggie uma prescrição para comprimidos contra dor para dar para o garoto, o elogiou por sua bravura e falou para ele retornar para ter o gesso removido.

Maggie nem tinha pensado sobre isso até que eles pararam na farmácia para comprar o que foi prescrito e estavam no caminho de volta à montanha. Eles estariam de volta a Tucson

quando aquele gesso tivesse que ser tirado. Ela teria que estar de volta ao trabalho, mas como ela poderia mandar Blake de volta à escola militar? Ela franziu o cenho, mordendo o lábio inferior enquanto só o pensamento de deixar o rancho começava a fazê-la se sentir mal.

"Reação," Hollister refletiu, observando-a. Ela agora estava sentada no banco do passageiro, porque Blake tomou uma dose de sedativo e estava quase adormecido no banco traseiro. "Não se preocupe. Eu bem que queria ter ganhado um níquel por cada osso quebrado que tive ao longo dos anos. Ele ficará bem."

"O quê?" ela perguntou quietamente.

"Agora que está tudo acabado você está ficando pálida, Sra. Jeffries," ele murmurou secamente. Ele estava fumando um cigarro, seu cheiro acre impregnando o carro enquanto ele lidava com o deslizar do Bronco em um caminho de gelo e o virou na próxima curva conforme voltavam para a cabana.

"Acho que eu tenho o direito," ela disse suavemente e sorriu para ele.

Seus olhos escuros estudaram aquele sorriso, concentrado na suave boca feminina, e suas grossas sobrancelhas se contraíram. "Sim," ele disse depois de um tempo, forçando seus olhos de volta para a estrada. "Suponho que sim."

"Você nunca sorri?" ela perguntou repentinamente, as palavras saindo antes que ela pudesse pará-las.

Ele não olhou para ela. "Não freqüentemente. Não mais."

Ela queria dizer mais. Ela queria perguntar a ele sobre o acidente. Ela queria dizer a ele que ele não deveria viver no passado. Mas ela não tinha aquele direito, e ela estava chocada com sua própria precipitação. Ela adorava sua privacidade. Era estranho que ela se sentisse livre para violar a dele.

Ela se enrubescou ao olhar pela janela a distante majestade das montanhas ao redor, azuis e brancas em contraste com o céu cinzento.

"Agora o que foi?" ele perguntou.

Ela se mexeu irrequietamente. "Nada."

"Você ficou vermelha."

Ele viu demais. "Eu queria te agradecer pelo que fez," ela disse. "Você... torna isso difícil."

"Eu não quero agradecimento," ele disse simplesmente. Ele levantou o cigarro até seus lábios bem feitos. "Aqui em cima, nós cuidamos uns dos outros. É como sobrevivemos."

"Eu não consigo imaginar você deixando alguém cuidar de você," ela suspirou.

Ele lançou um olhar para ela com ambas as sobrancelhas arqueadas.

Ela se arrepiou, apertando a jaqueta mais perto. "Bom, eu não consigo," ela disse obstinadamente, e seus olhos prateados cintilaram para ele.

O bigode se mexeu, e seu olhar escuro tinha um brilho quando ele voltou sua atenção para a estrada. "Eu estou contente pelo garoto estar bem."

"Sim, eu também." ela se arrepiou novamente. "Só de pensar naquele lobo..."

Eles estavam na cabana agora. Ele parou o Bronco e desligou o motor, se virando para olhá-la. Era quase noite, e na luz que ia embora ele podia ver o cansaço no rosto dela, a preocupação escurecendo seus olhos. Uma mulher sozinha com um garoto era difícil, especialmente quando ela era seu único suporte. Ele gostaria de saber se ela alguma vez se deixou apoiar em um homem desde a morte do marido e chegou à conclusão de que ela provavelmente não tinha. "Ele está bem," ele a lembrou.

"Não graças a mim," ela riu roucamente e ouviu sua própria voz quebrar.

O queixo dele se ergueu enquanto a estudava. "Venha aqui," ele disse, segurando o braço dela com sua mão livre. "Venha," ele disse quando ela hesitou. "Eu aposto que você precisa chorar à vontade."

Parecia estranho, deixá-lo apoiá-la quando eles eram estranhos. Mas ele não parecia mais um estranho. Ele salvou Blake e tomou conta de tudo, e ela se sentiu mais segura com ele do que já tinha se sentido com alguém. Ela suspirou, abrindo espaço para as lágrimas enquanto ele a abraçava, uma mão magra alisando seu cabelo, sua voz profunda, calma e confortante em sua têmpora.

"Eu sinto muito," ela disse um pouco depois, embaraçada por sua falta de compostura. "Isso me aterrorizou."

"Deve ter mesmo. Não deixe o garoto perder-se assim novamente," ele disse, seu tom firme e imponente. "Aqui não é Tucson. Existem lobos por aqui e até mesmo alguns ursos."

"Ele não irá muito longe com uma perna quebrada," ela o lembrou, seus olhos cinza encontrando os dele.

"Não, eu acho que não." Ele estava olhando dentro daquelas piscinas prateadas e esqueceu o que ia dizer. Ele parecia não poder desviar o olhar. Seu corpo se esticou e sua respiração pareceu ficar maluca. Deus, ela era linda! Seu rosto endureceu. Ele não queria ou precisava disso...!

Maggie estava tendo seus próprios problemas. Seu coração estava enlouquecendo com aquele olhar. Ela se sentiu como uma adolescente com seu primeiro namorado.

Involuntariamente, seus olhos baixaram para a boca dele debaixo do grosso bigode preto, para as linhas bem feitas de seus lábios firmes, e ela queria beijá-lo.

"Oh, não," ele disse de repente, e sua mão contraiu no cabelo dela, puxando o rosto dela em direção ao dele. "Não, você não, senhora. Eu não irei nessa direção novamente nessa vida." Ele largou dela de uma vez e abriu a porta.

Maggie se sentiu abatida. Ela não entendeu o que ele falou, a menos que ele estivesse insinuando que amou sua esposa e não queria arriscar seu coração uma segunda vez. Ela até entendia. Mas não tinha pretendido tentá-lo... ou tinha?

Ela assistiu enquanto ele tirava Blake do Bronco e o agradeceu sucintamente conforme ele deitava o garoto na cama no quarto dele e saiu novamente.

"Eu trarei o Bronco de volta mais tarde, quando eu conseguir um dos meus homens para vir comigo," ele disse friamente. "Há alguma coisa que você precise?"

Ele estava tão frio quanto o vento. Ela não teria pedido a ele uma migalha de pão mesmo se estivesse morrendo de fome. "Não, obrigada, Sr. Hollister," ela disse com uma calma notável, considerando o quão desgostosa ela se sentia. Ela até conseguiu sorrir fracamente. "Obrigada por tudo o que você fez."

Ele vasculhou o rosto dela com olhos que não queriam ver a dor que ele causou com seu distanciamento. Ele se voltou para a porta. "Sem problemas," ele disse curtamente e saiu sem olhar para trás.

Capítulo Três

Blake descansou razoavelmente bem aquela noite, graças aos remédios que o médico havia prescrito para ele. Mas Maggie estava acordada e inquieta. Sua mente ficava voltando a Hollister, para um dia que ficaria para sempre em sua memória, assim como o homem que era uma parte disso.

Ela não queria essa complicação em sua vida. Por anos ela manteve os homens a uma distância segura. Ela teve encontros, mas com a cuidadosa condição de que ela estava procurando alguém apenas para amizade. Uma ou duas vezes ela teve que pedir para ir para casa porque alguns de seus encontros eram muito sofisticados e certos de que eram a perfeita cura para a atitude reservada que ela tinha em relação ao sexo. Mas Maggie não estava interessada em curas ou até mesmo em homens. Seu breve casamento a deixou insatisfeita e um pouco embaraçada com sua própria sexualidade. Ela não conseguia entender a inquietação que ela vinha sentindo ultimamente ou a assustadora atração por Tate Hollister. Ela sabia tão pouco sobre os homens e intimidade. Muito pouco para lidar com uma violenta mudança emocional em sua vida. Tudo o que ela queria agora, ela disse a si mesma, era seu trabalho e seu filho. Ou ela quis. O problema era que Tate Hollister estava subitamente colorindo seu mundo.

Essa foi a noite mais longa de que se lembrava. Ela não dormiu até as primeiras horas da manhã e acordou com um frio glacial. Forçando-se a sair da cama em seu pijama de flanela azul, ela foi até o termostato e tentou ligar a calefação, só para descobrir que não tinha eletricidade. De novo.

Ela gemeu. Bom, não era algo maravilhoso, ela pensou rangendo os dentes. Enfurecida, ela foi até a lareira, onde ela acendeu o fogo na noite anterior e procurou por palitos de fósforo. Então ela se lembrou que tinha usado o último e não tinha pensado em pedir a Hollister para emprestar um pacote. Não que serviria de alguma coisa. Ela não tinha madeira exceto a que estava na lareira. Ninguém tinha cortado mais.

Ela sentou no sofá e explodiu em lágrimas. Sua vida toda parecia estar se ruindo.

A batida na porta veio com um choque. Ela encarou a porta, franzindo o cenho porque mal tinha amanhecido. Poderia ser um dos homens? Ela foi atender, hesitando porque ela estava de pijama e não tinha um roupão à mão. Ela abriu a porta apenas um pouco e encontrou um conhecido rosto duro e com bigode.

Seu coração disparou, e o brilho que tomou conta do rosto dela pareceu paralisar o homem no alpendre por uma fração de segundo. Ele estudou o que podia ver dela com um fraco brilho em seus próprios olhos.

"Seu gerador desligou de novo," ele disse.

"Sim, eu notei. Como você sabia?"

"Eu queria ver se o meu improviso iria agüentar já que a temperatura caiu tanto na noite passada," ele falou com uma curiosa inflexão que a deixou com suspeita.

"Você queria?"

"Eu não posso mesmo consertá-lo sem ter os suprimentos apropriados," ele falou impacientemente. "Então eu suponho que esse sendo o caso, é melhor você e Blake virem para casa comigo até que esse tempo melhore."

O coração dela perdeu o controle. Ela tinha dúvidas quanto a isso, e ela queria fazer mais perguntas sobre o gerador porque ele lhe parecia suspeito. Mas os olhos escuros dele encontraram os dela, e ela não podia desviar o olhar deles.

"Ir... para sua casa?" ela hesitou.

"Mmm-hmm," ele murmurou, tão esquecido do que eles estavam conversando quanto ela. Ela era bonita mesmo sem maquiagem, e os olhos cinza dela eram estranhamente acolhedores.

"Você... gostaria de um pouco de café?" ela perguntou, sem se dar conta de que se ela não tinha energia, ela certamente não poderia fazer nenhum café.

"Sim," ele respondeu.

Ela abriu a porta, se movendo para trás, e ela ficou vermelha quando ele entrou pela porta e teve uma boa visão da figura dela de pijama e descalça.

"Oh," ela exclamou, parando enquanto tentava decidir o que fazer.

Os olhos escuros dele mediram os dela, e havia um fraco rubor acima das bochechas dele.

"Eu... é melhor eu dar andamento a alguma coisa," ela começou.

"É melhor," ele concordou.

Mas ela parecia não conseguir convencer suas pernas porque elas não se moviam. Ela ficou parada sem ação, sentindo seus seios incharem, sentindo seus batimentos cardíacos balançando o baixo decote em "v" do pijama e ele tinha que ser capaz de ver isso. Na verdade, os olhos dele tinham baixado ali e se estreitaram quando ele olhou, e aquele rubor nas bochechas dele que era tão enigmático ficou ainda mais escuro.

Os lábios dela se abriram. Não, isso não ia funcionar. Ela estava com medo de ir com ele, receosa com o que estava acontecendo. "Blake e eu... é melhor ficarmos aqui," ela disse roucamente. "Mas obrigada mesmo assim."

Sua respiração parou quando ele subitamente se curvou e a levantou nos seus braços sólidos, carregando-a diretamente de volta para o quarto dela. Seu calcanhar calçado com botas apanhou a porta e a bateu. Ela a baixou então, lentamente, com as costas contra a porta.

"Do que você tem medo?" ele perguntou calmamente.

Ela sentiu a porta fria em suas costas e o piso ainda mais frio debaixo de seus pés, mas seu corpo estava queimando com sensações enquanto ele parou apenas a uns centímetros dela. "De você," ela confessou.

Seus olhos escuros passaram sobre ela como se fossem mãos, fascinados, atentos. "Eu suponho que deveria me sentir lisonjeado?"

Ela se moveu inquietamente sob a pressão do seu olhar escuro. "Você foi casado," ela disse, hesitante. "Eu também, mas só por uns meses, e eu não tive muitos encontros desde que o Blake nasceu."

Isso o surpreendeu, embora com o que estava aprendendo sobre ela, não deveria. Ele inclinou seu chapéu para trás, observando o rosto dela. "Nada de sexo?" ele perguntou calmamente, sem disfarçar.

Ela ficou escarlate e seus olhos baixaram. Ela balançou a cabeça.

Sua mão magra foi até o queixo dela, inclinando-o, e mesmo com toda sua calma destreza, não insistiu. "Sim, eu fui casado," ele disse gentilmente. "Com uma mulher que evitava qualquer toque meu."

Ela parou de sentir medo e apenas o encarou, surpresa. "Mas... vocês tiveram um filho."

Ele suspirou pesadamente. "A maioria das pessoas acha isso. Eu os deixei pensar isso para evitar fofocas pelo bem da família dela." Ele tocou levemente o cabelo dela, como se a escura sedosidade o fascinasse, enquanto o olhar extasiado dela permanecia fixo em seu duro rosto. "Ela era a garota do meu irmão. Ele morreu em um acidente de esquí vários anos atrás, algumas semanas antes de se casarem e ele a deixou grávida do seu filho. Ela era de uma boa família, pessoas freqüentadoras da igreja com idéias rígidas sobre antecipar os votos de casamento. Era o meu sobrinho que ela carregava. Então nos casamos, pelo bem da criança."

"Ela não te amava?" ela perguntou suavemente.

O queixo dele se ergueu combativamente. "Eu não sou um homem digno de amar," ele falou com um sorriso frio. "Não, ela não me amava. Ela amava meu irmão e sofreu por ele o tempo todo em que estivemos casados. Mesmo depois que o bebê nasceu, ela dificilmente podia agüentar me deixar tocá-la." Ele examinou a boca feminina enquanto contava, como se as palavras estivessem vindo mais difíceis conforme o tempo passava. "Nós levamos Kip para acampar, acima, nas Rockies, e pela primeira vez, Joyce estava mostrando algum interesse na vida. Eu os deixei viajar no trailer que estávamos rebocando, contra o meu melhor julgamento." Os olhos dele se fecharam, seu corpo todo rígido. "O engate afrouxou. Eles caíram..."

Ela nem parou para pensar. Deslizou os braços debaixo do casaco, ao redor dele, e pressionou perto, abraçando-o o mais forte que ela podia, balançando-o. "Eu sinto muito," ela sussurrou, seus olhos fechados enquanto dava a ele o pouco de conforto que podia. "Eu sinto tanto."

Ele estava espantado com o gesto. Suas mãos tocaram levemente os ombros dela enquanto tentava decidir o que fazer. A sensação do corpo dela levemente vestido embaixo do seu casaco o estava perturbando. Ele podia sentir os seios suaves pressionando contra ele. Ela estava se agarrando muito firme, fazendo sua mente rodar com sensações, com o cheiro suave de mulher vindo para suas narinas e deixando-o faminto de uma forma que ele não esteve desde a morte de Joyce.

"Isso foi há muito tempo atrás," ele finalmente disse. Suas mãos magras alisavam o cabelo dela, segurando a bochecha dela contra o peito dele enquanto ele parava de lutar e se rendia a sensação de tê-la contra si.

"Você a amava."

Ele hesitou. "Eu achei que a amava, sim." ele concordou e imaginou por que ele qualificou isso desta forma quando ele sempre aceitou que era amor. Agora parecia mais que ele tinha pena de Joyce, que ele queria compensá-la pela morte do seu irmão mais novo. Mas agora, com Maggie abraçando-o, ele não tinha mais certeza. "E o garoto."

Ele inspirou firme, "Principalmente o garoto," ele confessou. "Eu senti demais a falta dele. Eu ainda sinto, Maggie."

O som do seu nome nos lábios dele a fez se sentir toda quente e suave. Isso a assustou e a deixou rígida.

"Desculpe," ela disse, começando a se afastar.

Mas ele a segurou. "Não," ele disse calmamente na têmpora dela. "Eu não tenho uma mulher tão próximo assim há anos. Isso é tão bom."

A admissão dele foi chocante. Ela elevou o olhar para procurar seus olhos escuros e atentos. "Anos?" ela perguntou hesitante, e com essa única palavra, ela estava perguntando o quanto ele era realmente experiente.

Ele não queria contar para ela. Mas o jeito que ela estava olhando para ele não era de zombaria ou divertimento... Ele tocou a bochecha dela com as costas da mão. "Anos," ele confirmou, e aquele estranho rubor estava de volta nas maçãs do rosto dele.

Os lábios dela se abriram porque ela queria saber, precisava saber, tinha que saber. "Houve... muitas?" ela sussurrou.

Ele engoliu em seco. Seus olhos percorreram o rosto dela gentilmente. "Não," ele sussurrou em resposta. Sua mandíbula se apertou. "Apenas uma, se você não consegue viver sem saber toda a verdade," ele acrescentou asperamente, porque ele odiava admitir isso. Na verdade, ele nem sabia sequer por que estava contando para ela.

Ela teve que segurar a respiração. Ele parecia tão sofisticado, tão mundano. E ele estava contando ostensivamente para ela que ele era tão inexperiente quanto ela. Ela sentiu uma excitação percorrer seu corpo que estava além de tudo que ela já havia sentido.

Ele estava rígido, esperando pela risada dela. Mas não aconteceu. E o jeito que ela estava olhando para ele produziu incêndios em seu sangue. Ele ergueu a cabeça, e baixou o olhar para ela calma e curiosamente. "Nenhuma gracinha?" ele perguntou, provocando-a.

"Oh, não," ela sussurrou, sua expressão suave, amável. "Houve apenas meu marido, você sabe," ela respondeu. "E eu era inocente e muito jovem. Ele também não era extremamente experiente." Ela enterrou seu rosto vermelho no peito dele, sentindo o coração dele batendo embaixo de sua testa. "Eu nunca pude dizer isso para ninguém antes. Eu nunca pude conversar com um homem dessa forma."

Ele sentiu vontade de jogar a cabeça para trás e rir com o puro deleite do que ele estava aprendendo sobre ela. Ele sorriu para si mesmo, secretamente, triunfantemente. "E eu que pensava que você tinha escrito o livro sobre sofisticação urbana," ele murmurou com um som suave que era quase uma risada.

"Te enganei, não foi?" ela perguntou sonhadoramente.

Em mais de uma maneira, mas ele não ia deixar sua guarda baixar até esse ponto. Suas mãos acariciaram o cabelo dela, saboreando sua suavidade. "Então venha para casa comigo, você e Blake. Até que a neve tenha acabado, pelo menos. Você vai precisar de ajuda para banhá-lo, senão mais," ele persistiu. "Eu me lembro como eu era na idade dele. Eu criava uma grande confusão²⁵ antes de deixar minha mãe me dar banho."

Ela riu deliciosamente e ergueu sua cabeça, seus olhos cinza brilhando, bonitos em seu rosto suave enquanto ela olhava para ele. "Eu acho que ele faria isso também," ela concordou.

"Eu não te machucarei," ele murmurou. "Eu não tenho experiência suficiente para seduzir mulheres. Mesmo garotinhas ingênuas como você."

Ela sorriu mais abertamente. "Obrigada, Tate," ela disse suavemente.

O som de seu nome naquele tom suave e rouco fez seu coração parar de bater. Ele procurou os olhos dela, vendo o sorriso vacilar com a intensidade de olhar que eles estavam trocando. "Diga meu nome de novo," ele sussurrou.

"Tate," ela se obrigou a falar, a voz dela agora sem fôlego.

Suas mãos magras molduraram o rosto dela, e sustentando o seu olhar, ele se curvou em direção a ela. Seus lábios duros tocaram a boca dela hesitantemente, o bigode fazendo cócegas. Ele foi um pouco desajeitado, e seu nariz ficou no caminho antes que ele finalmente pressionasse seus lábios nos dela.

"Deus, estou enferrujado," ele sussurrou em um riso rouco. "Eu acho que esqueci como fazer!"

Ela riu também, porque era delicioso estar com um homem que era tão inexperiente quanto ela. Era o tipo de prazer mais doce. Ela passou os braços em torno dele e inclinou a cabeça para trás. "Eu não ligo," ela sussurrou. "Poderíamos tentar de novo? Eu também estou meio enferrujada."

Ele sorriu, um sorriso de verdade dessa vez, e se curvou novamente. Dessa vez ele não foi desajeitado. Seus lábios duros roçaram os dela uma, duas vezes, e então pousaram, movendo suavemente até que de repente o contato se tornou carregado de eletricidade.

²⁵*to raise hell* – expressão que se refere a causar algum distúrbio, demonstrar uma atitude forte para expressar descontentamento ou oposição a algo.

Ela sentiu o momento exato em que o grande corpo dele se retesou quando ele parou para tomar ar. Ela começou a falar. A abertura de seus lábios coincidiu com a descida dos lábios dele, e ele a provou.

"Maggie," ele gemeu. Ele a moveu cuidadosamente de costas contra a porta, e seu grande corpo se mexeu, apertando-a ali com delicada força, mas tão suavemente que não a assustou. Ela sentiu sua boca, provou sua pressão dura e úmida, e os lábios dela se separaram para ele com um suave gritinho.

Ela não conseguia lembrar a última vez em que um beijo a tinha excitado. Mesmo durante seu breve casamento e ela não sentiu essa estranha fraqueza e vulnerabilidade tremulante. Tate podia ser inexperiente, mas havia uma poderosa química entre eles se por caso esse desejo arrepiante fosse um indício. Ela amava a dura pressão dos lábios dele, até mesmo a abrasiva cócega do bigode dele. E a sensação do corpo musculoso tão perto estava fazendo-a formigar da cabeça aos pés.

Ele ergueu a cabeça, e seus olhos escuros estavam pretos enquanto examinava o rosto dela.

Ela se sentia letárgica, mal podendo se manter em pé sozinha. "Tate," ela sussurrou, erguendo sua boca cegamente em direção à dele.

"Não, doçura." Ele se afastou dela então, o carinho vindo quase sem nenhum esforço, mesmo que ele nunca o tenha usado em sua vida. Ele a segurou até que ela recuperou o equilíbrio, suas mãos gentis, mas firmes nos suaves braços dela. "Nós temos que parar."

Ela olhou para ele com olhos em branco que lentamente escureceram enquanto ela voltava a ficar ciente da realidade novamente. Ela enrubesceu e baixou os olhos para o violento elevar e descer do peito dele. "Oh, meu," ela disse inadequadamente.

"É melhor você se vestir," ele falou, lutando para voltar à razão. A cama estava bem atrás dele, e ele podia sentir a suave nudez dela contra ele. Ele balançou a cabeça para clarear. "Eu vou acordar Blake e ajudá-lo a se vestir."

"Obrigada."

Ele a moveu suavemente para o lado, suas mãos ainda mornas e confortantes nos braços dela. "Maggie, você está bem?"

Ela forçou um sorriso. "Só um pouco trêmula, é tudo." ela disse e riu de sua própria fraqueza.

Ele riu também, porque era novidade ficar vulnerável. E porque ele não ligava se ela via que ele estava. Ela era muito doce para fazer amor. Isso poderia causar alguns problemas, mas ele não ia perder tempo pensando nas consequências agora.

"Eu também," ele murmurou, preguiçosamente examinando o jeito que a parte de cima do pijama dela estava se movendo com os batimentos cardíacos dela. Os seios estavam com as pontas eretas. Ele podia ver o contorno deles, e desejou por um momento ter mais experiência, mas já que ela não se sentia incomodada com isso, por que ele deveria se preocupar?

"Para com isso," ela sussurrou, e cruzou os braços sobre o peito.

Ele deu uma risadinha. Ele gostava das reações dela. "Vista alguma roupa."

Ele abriu a porta e saiu, e passou quase um minuto até que Maggie pudesse ao menos se mexer. Ela sentiu o gosto dele nos lábios, sentiu o cheiro do aroma limpo dele no seu pijama. Ela e Blake estavam indo para a casa dele, para morar com ele até que a neve parasse.

Até que a neve parasse. Ela piscou. O Natal seria na próxima semana, e logo ela e Blake teriam que deixar Montana. Ela estremeceu. Iria ser mais difícil do que ela esperava. Ela não queria ir embora de Montana. Ela não queria deixar Tate. Ela se voltou para a sua cômoda para pegar uma blusa, imaginando como essa repentina ligação com ele tinha acontecido e como ela iria lidar com isso.

Tate estava com seu Jeep tracionado do lado de fora, e cuidadosamente embarcou Blake, depois Maggie, junto com as roupas que ela empacotou com pressa, e se dirigiram para a casa dele.

Felizmente, era uma casa grande, e havia quatro quartos. Tate tinha reformado um deles e o transformou em um escritório onde ele registrava seu trabalho, mas havia três quartos com cama sobrando. Tate tinha o maior, repleto de mobília antiga em carvalho de tons escuros e uma cama king-size ostentando uma colcha com um motivo do oeste.

Os outros eram parecidos, quartos com paredes de pinheiro com mobília moderna e decoração em tons de marrom, bege e verde. Cores terrosas que combinavam com ele. Maggie ficou com um dos quartos e Blake com o outro.

"Quem limpa a casa para você?" Maggie perguntou quando se juntou a ele na enorme sala de estar com um teto alto²⁶ e uma grande lareira de pedra. A mobília era pesada e escura, feita para conforto. Havia cinzeiros de pedra e vários vasos com cactos, e até mesmo uma seringueira em um canto.

"Um dos meus homens tem uma esposa compassiva," ele murmurou, sorrindo com a curiosidade dela enquanto ela circulava pela sala olhando para a cerâmica indígena sobre a cornija da lareira, para o enorme touro hereford cuja beleza masculina fora capturada em uma pintura logo acima.

²⁶ *cathedral ceiling* – um tipo de teto alto e aberto, geralmente inclinado ou pontudo, que segue a linha do telhado.

"Quem é ele... era ele?" ela corrigiu, indicando o touro.

"King's Honor²⁷," ele disse orgulhosamente. "Ele era um touro campeão. Viveu até os vinte anos e manteve o rancho enquanto nada mais podia. Sua descendência ainda é bem conhecida nos círculos de gado."

"Eu queria saber mais sobre como tocar uma fazenda."

"Há bastante tempo para aprender," ele disse, seus olhos brilhando quando encontraram os dela.

Ela adorava olhar para ele. Isso se tornou um hábito conforme o dia passava. Maggie fez o jantar, filés grelhados no grande e caro fogão na cozinha. Ela fez batatas com creme e cozinhou alguns feijões gelados e fez até pão para acompanhar.

Tate estava fascinado com o pão. "Eu não achava que as mulheres ainda faziam isso," ele confessou enquanto terminava sua terceira fatia com manteiga.

"Mamãe adora cozinhar," Blake deu um sorriso largo.

"A maioria das vezes por preguiça," ela confessou. "Eu odeio comer fora."

Ele riu suavemente. "Eu também." Ele lançou um olhar para a repentina careta que Blake fez. "Que tal algo mais pra essa perna?" ele perguntou ao garoto.

"Eu realmente não preciso disso," Blake disse.

Tate virou sua cadeira, olhando para o garoto. "Eu quebrei minha perna uma vez. Levei um coice de um dos meus touros. Eu aprendi que dor machuca, e se você não exagera na medicação, isso te ajuda a passar pelos maus momentos. Você não tem que provar nada para mim," ele acrescentou com um sorriso enigmático. "Você manteve a cabeça fria estando frente a frente com um lobo. Isso me disse tudo que eu precisava saber sobre você."

Blake verdadeiramente enrubescou com prazer. "Não foi tão ruim," ele resmungou.

"Agora que tal aquela cápsula?" Tate persistiu.

Blake suspirou. "Tudo bem."

Tate assinalou para Maggie voltar a se sentar quando ela se levantou para ir pegar. Em vez disso, ele se levantou e trouxe o frasco. "Tome uma, daí eu vou te ensinar como jogar xadrez. Ou você já sabe?"

"Eu sei jogar damas, mas ninguém nunca me ensinou xadrez."

²⁷Nome do touro, traduzido para português – *'Honra do rei'*.

"Não há tempo melhor do que agora para aprender," Tate disse e sorriu para o garoto.

Maggie lavou a louça e depois se aconchegou no sofá para assistir o jogo. Tate era paciente de uma forma que ela nunca esperou que ele fosse, revendo os movimentos com Blake até que ele entendesse. A primeira impressão que ela teve dele tinha sido de que ele nunca parava ou diminuía o passo para ninguém. Mas todas aquelas primeiras impressões estavam mudando. Ela descobriu que ele tem um senso de humor inteligente, que ele não era realmente uma pessoa rude e que ele era na verdade um homem solitário. Não havia nada nessa elegante casa que indicasse que ele era rico, exceto o tamanho do rancho em torno dela. Ele não se mostrava, mas ela imaginava que ele poderia fazê-lo se isso o agradasse.

"Aqui deve ficar solitário," Maggie disse distraidamente, alisando um dos cobertores indígena que estavam sobre o encosto do sofá.

Tate ergueu os olhos do tabuleiro enquanto Blake franzia o cenho em concentração para o próximo movimento. "Fica," ele respondeu para ela. "Especialmente para uma mulher." Ela piscou, desviando os olhos.

"Eu suponho que solidão é portátil, entretanto," ele acrescentou, observando-a. "Porque eu conheci pessoas que podiam se sentir sozinhas na multidão."

"Isso é verdade," ela reconheceu, traçando com o dedo o desenho no cobertor enquanto o fogo bramia como uma canção de ninar flamejante na lareira. Ela estava estranhamente sonolenta. Isso era novo, porque ela esteve um tanto nervosa na cabine, mesmo tendo Blake por perto. Mas aqui, na casa de Tate, ela se sentia segura. Ela sorriu secretamente e fechou os olhos.

Os olhos escuros de Tate passaram pelo rosto dela, ciente da expressão sonhadora que ela tinha enquanto ele tentava conciliar seus receios com uma fome nova e estonteante.

Blake viu o olhar no rosto do homem antes que ele pudesse apagá-lo, e ele teve que se forçar para evitar sorrir. Até agora tudo está bom o suficiente²⁸, ele pensou.

Capítulo Quatro

Blake dormiu durante um movimento de xadrez, e Tate o ergueu cuidadosamente, com gesso e tudo, e o carregou até seu quarto.

"Traga-me o pijama dele," ele falou por sobre o ombro, "e eu o vestirei nele."

"Vai precisar de um milagre para passá-lo por esse gesso," ela suspirou.

²⁸No original, *'So far, so good'* – expressão sem uma tradução específica em português que faça sentido; refere-se a alguma coisa que até o momento ainda é satisfatória ou boa o suficiente.

Ele sorriu suavemente para ela. "Bem pensado. Bem, tire o casaco dele, e eu irei emprestar pra ele uma das minhas calças."

"Eu já posso vê-lo com as pernas da calça amarradas em torno do pescoço para sustentá-las," ela divagou.

Ele verdadeiramente gargalhou. Ele colocou o garoto na cama, hesitando enquanto ele o assistia dormir. Seus olhos escuros se estreitaram. "De nove indo para dez anos," ele disse brandamente. "Ele é um garoto estupendo."

Maggie prendeu a respiração com a calma afeição nessa declaração e imaginou se ele se dava conta de quanta emoção ele estava mostrando. Mas depois de um tempo ele se mexeu, franzindo o cenho, e foi em direção ao seu próprio quarto como se estivesse preocupado.

Ela tirou a camiseta de flanela de Blake e colocou a parte de cima do pijama na hora em que Tate voltava com um par de calças de algodão, que pareciam novas, em uma das mãos magras.

"Oh, você não deveria deixá-lo usar uma das suas mais novas..." ela protestou.

Ele deu a ela um sorriso fracamente zombador. "Doçura, eu não visto nada para dormir. Eu mantenho alguns pares em caso de fogo."

Ela ficou vermelha como um pimentão sem entender por que. Depois do casamento e uma criança e apesar da admitida falta de experiência dele, ele podia tão facilmente reduzi-la à timidez.

"Sinto muito," ela disse, então acrescentou enquanto ela voltava para vigiar a porta, "Bem, eu vou te deixar para fazer isso."

Ele se voltou para Blake, ainda sorrindo.

Minutos depois, ele estava de volta. Ele se sentou cuidadosamente no sofá ao lado dela e acendeu um cigarro enquanto o fogo crepitava e o vento de vez em quando soprava pela chaminé abaixo.

"Ele não sente falta de ter um pai?" ele perguntou com calculada indiferença.

"Às vezes eu acho que sim," ela confessou. Ela enfiou os pés debaixo dela, guardados embaixo da barra da calça jeans, e cruzou os braços sobre a camiseta de algodão. Era do mesmo tom de azul da que Tate estava usando, e ela imaginava se ele notou que seus gostos por cores pareciam combinar. "É difícil pra ele principalmente na escola, embora diversos garotos têm pais divorciados. A maior parte das mães parecem ter se casado novamente ou pelo menos tem namorados que vão aos eventos na escola."

Ele apoiou um longo braço em cima das costas do sofá e analisou o rosto dela abertamente. "E não há nenhum homem em sua vida."

Ela sorriu, sem se embarçar. "Eu sou incorrigivelmente antiquada," ela explicou. "Eu acho que Blake pensa que eu sou um dinossauro."

"Eu apostaria que ele não acha," ele replicou, surpreendendo-a. "Ele disse ao avô dele que ele acha você a melhor mãe que um garoto possivelmente poderia ter."

Ela tomou fôlego, e sorriu. "Ele disse isso mesmo?"

"Isso foi o que Jeffries me contou," ele concordou. Ele deu uma tragada no cigarro. "Eu costumava passar bastante tempo na casa dele, quando você e o garoto estavam em Tucson. Eu ouvi sobre você até me sentir como se a conhecesse. Mas não conhecia, é claro. De maneira alguma. Eu tinha uma imagem totalmente diferente de você. Eu pensava que você provavelmente saía bastante, mas era muito discreta," ele acrescentou com um fraco sorriso.

"Eu não saberia como," ela suspirou. "Se eu me envolvesse com alguém, Blake saberia no mesmo instante. Eu não consigo esconder o que sinto."

"Graças a Deus," ele disse e falava a sério.

Os olhos dela se ergueram, curiosos.

"Eu odeio mentiras," ele disse inesperadamente. "Eu odeio convenções sociais, subterfúgios e educadas guerras verbais. Eu digo exatamente o que penso, e aprecio quando outros também o fazem. Você e eu começamos mal, mas depois do que dissemos um ao outro na sua casa, eu acho que estamos no caminho de uma coisa boa."

"Que tipo de... coisa boa?" ela perguntou, ainda um pouco cuidadosa com uma intensidade nele que ela não conseguia entender.

"Você me diz, Maggie," ele respondeu suavemente. Ele então se encurvou e roçou sua boca muito suavemente na dela. "Durma bem."

Ele se levantou em um movimento suave, deixando-a encarando suas largas costas

"É apenas oito horas," ela falou para a sala livre.

"Eu me levanto antes de amanhecer. O gado não mantém horários comerciais," ele acrescentou com um lento sorriso. "Desligue as luzes quando você estiver com sono."

"Tudo bem."

Ela ficou mais um tempo sentada em frente ao fogo, inventando sonhos, pensando sobre como seria se eles fossem uma família, ela, Tate Hollister e Blake. Mas eram apenas sonhos, ela lembrou a si mesma, e logo ela estaria de volta a sua escrivaninha no trabalho, apenas com memórias.

Na manhã seguinte, alguma coisa a acordou antes da luz do dia. Um som. Um movimento. Ela se levantou, se sentindo alerta porque estava acostumada a acordar cedo quando tinha que trabalhar. Ela vestiu um jeans e um pulôver de jérsei cinza, parando para passar uma escova no cabelo antes de sair nas pontas dos pés pelo corredor até o quarto de Blake e espiou lá dentro.

Ele ainda estava dormindo profundamente. Ela sorriu, fechando a porta, e foi para a cozinha a procura de café. Apenas para encontrar alguém mais determinado naquele mesmo caminho.

Tate estava lá, só de meias e vestindo nada além de suas calças jeans. Ela parou de repente na porta, seus olhos impotentemente atraídos para um corpo que teria feito um modelo de revista parecer anêmico. Músculos ondulavam embaixo de uma pele bronzeada enquanto ele se erguia depois de espiar dentro do forno, e quando ele se voltou para ela, ela imaginou se era admissível uma mulher moderna desmaiar.

O peito dele era completamente escurecido com grossos pêlos pretos encaracolados. Músculos delineados em seus grandes braços, para baixo em seu estômago liso, e ela sabia que não havia um grama de gordura nele. Ela nunca gostou de homens peludos, mas esse era um trabalho de arte. Ele não tinha tufo de pêlo nos braços e nos ombros como alguns homens. Não, estava tudo naquele peito largo, grosso e brilhando com fraca umidade, como se ele tivesse acabado de tomar banho. Provavelmente ele tinha, porque sua cabeça desgrehada também estava um pouco úmida, seu cabelo liso caindo maliciosamente sobre sua testa.

"Bom dia," ele murmurou, seus olhos examinaram o rosto dela com um interesse ostensivo. "Sem maquiagem?"

"Eu odeio essa coisa," ela deixou escapar.

Ele riu. "Eu também. Pegue o creme na geladeira e eu vou te servir um pouco de café."

"Eu não achava que você era tão hábil na cozinha," ela comentou enquanto tirava a torrada que ele estava cuidando na grelha e a acrescentou a travessa com tiras grossas de bacon e ovos mexidos.

"Oh, Jeffries costumava contar a história sobre um dos meus homens ter se demitido porque eu fiz a comida, mas eu me viro o suficiente, eu acho. Eu fui da Marinha, doçura," ele acrescentou com um rápido olhar enquanto enchia duas xícaras brancas com café. "Cozinhar é uma das coisas fáceis que lhe é ensinado."

Ela abriu a boca para fazer um comentário, mas pensou melhor. Ele pôs o café na mesa e se sentou.

"Eu não tinha esperado que você estaria de pé tão cedo," ele disse enquanto enchia o prato.

"Eu gosto de assistir o sol nascer," ela confessou. "É mágico em Tucson, quando a alvorada atinge as montanhas Santa Catalina²⁹. Elas mudam de cor. Às vezes são vermelhas, outras vezes pretas, depois se tornam rosa e cor-de-ferrugem... elas me assombram."

"Eu já vi minhas próprias montanhas mudarem, mas de azul para roxo," ele lhe disse. "E completamente brancas no inverno. Coma alguns ovos. Você precisa engordar um pouco."

"Eu nunca ganho peso, ela confessou quando alcançava um pedaço de torrada para comer com uma tira de bacon. Ela observava enquanto ele descarregava ovos em seu prato. "Isso é muito," ela disse a ele.

"Se você vai morar em uma fazenda, você tem que manter sua força. Blake irá te dizer isso." Ele já tinha terminado os ovos e estava passando geléia caseira em uma torrada.

"Eu não irei ficar empilhando feno, consertando cercas e cuidando do gado," ela o lembrou.

"O que você planejou fazer?" ele perguntou curiosamente.

"Eu pensei em limpar a casa, se você não ligar – não que precise ser limpa, mas as camas têm que ser arrumadas." Ela baixou o olhar. A visão do peito nu dele muito próximo estava deixando seus joelhos fracos. "Eu não iria querer interferir com sua faxineira, é claro."

"Você não irá interferir. Faça o que você quiser. Dentro dos limites do possível, é claro. Eu me sinto constrangido com rendas em minhas camisetas."

"Você veste uma?" ela deixou escapar, e ficou vermelha quando se deu conta o quão íntima tinha soado a pergunta.

Ele estava observando o jeito que os olhos dela deslizavam por seu peito, e ela não poderia saber o quanto a tímida apreciação dela o fazia se sentir homem. Os olhos escuros dele estreitaram-se sobre o rosto dela. "Não, eu não," ele respondeu a pergunta. Ele terminou a torrada e engoliu o resto do café. "Quer uma segunda xícara?"

"Sim. Eu vou pegar." Ela se levantou, mas quando ela foi passar ele, sua mão magra se ergueu e pegou o pulso dela.

"Não, você não vai," ele murmurou secamente, e puxou. Ela caiu no colo dele, ofegando, uma esbelta mão indo de repente em contato com todo aquele peito nu. Ela não podia nem protestar. Seu olhar se baixou para onde a mão dela estava meio enterrada. Ela não queria que ele visse o quão vulnerável estava, mas teve muito trabalho para tentar esconder seu interesse evidente.

Ele pressionou a mão dela estirada contra si, olhando para as pequenas unhas ovais sem esmalte. Ela tinha mãos bonitas, muito esguias e graciosas. "Pare de se esconder de mim."

²⁹ *Montanhas Santa Catalina* – cadeia de montanhas localizada ao norte da cidade de Tucson; seu ponto mais alto é o Monte Lemmon, com 2.791 m.

Ela inclinou o rosto dela em direção ao dele para que ele pudesse ver todas as dúvidas e nervosismo. Seus olhos escuros eram bondosos apesar de toda escuridão crescendo neles. "Isso é tão novo para mim quanto para você, então não pense que irei tirar sarro do jeito que você está me olhando. Eu também ficaria encarando tão fixamente se você estivesse sem camiseta."

Os lábios dela se abriram. "É sério?"

"Sério." Ele moveu a mão dela contra o grosso pêlo e os duros e cálidos músculos abaixo, assistindo o movimento, sentindo o efeito instantâneo sobre si. Ele riu, o som profundo, baixo e aprazível no silêncio da manhã. Ele ergueu o olhar para ver uma fascinação capturada nos olhos dela. "Achei que eu era imune. Sinta." Ele pôs a mão dela sobre seu coração e a deixou sentir seu batimento forte e pesado.

"Eu acho que nenhum de nós é... imune, é isso," ela sussurrou.

"O seu está batendo assim tão forte?" ele perguntou suavemente e, ainda mantendo o olhar dela, sua mão magra pressionou bem abaixo do seio suave. Mas seu outro braço subiu no mesmo instante, arqueando-a, e ele a inclinou na curva de seu braço enquanto seus longos dedos se estendiam. Suas pontas apenas tocavam o suave volume debaixo do seio dela, nu debaixo do tecido, e ela não conseguia respirar. Ela começou a tremer e seus olhos escureceram para um tom de prata envelhecida, encarando os olhos escuros dele.

"Tate," ela sussurrou roucamente, sua respiração presa.

"Eu suponho que existam regras sobre esse tipo de coisa," ele disse tensamente, prendendo os olhos dela enquanto as pontas de seus dedos traçavam a elevação do seio dela. "Na época em que era um garoto, boas garotas iriam bater em um homem por causa do que estou tentando fazer com você."

"Eu sou uma viúva, não uma garota," ela respirou de modo trêmulo. "E eu... gosto... do que você está fazendo comigo."

"Você supostamente não deveria me contar isso, Maggie," ele sussurrou enquanto sua cabeça se curvava em direção a ela. Ele roçou seus lábios sobre os dela uma, duas vezes, e então eles assentaram-se em sua boca. Sua mão procurou pela borda do suéter dela, encontrou e subiu até encontrar um monte quente e suave com uma ponta dura que arqueou dentro da palma dele enquanto ela tremia com sensações arrebatadoras.

Ela gemeu sob a boca dele. Ele a provou, sentiu sua fome, se afogou em sua maciez submissa.

Quando ela ficou tensa novamente, sem tirar sua boca da dela, ele tirou o suéter do caminho e a puxou contra seu peito nu. Ela se retesou, ofegando enquanto seus seios se fundiam com o pêlo grosso e o músculo cálido dele. A cabeça dele se ergueu, porque ele queria ver o rosto dela.

Seus olhos negros se estreitaram. Ela parecia... selvagem. Abandonada. Os lábios dela estavam inchados, os olhos meio fechados, enevoados e fracamente selvagens, tudo ao mesmo tempo. Ela estava corada e seu corpo arqueado em direção ao dele.

Os olhos dele baixaram para os seios dela, e ele olhou para os contrastes entre o que ele podia ver da carne rosada dela e seu peito moreno emaranhado com pêlos. Seu braço apertou, mas ele se afastou um pouco, porque já fazia anos desde a última vez que ele viu uma mulher sem roupas, e ele queria olhar para os seios suaves de Maggie.

Ela o viu claramente se sobressaltar à primeira visão real dela daquela forma. O rosto dele endureceu, seus olhos começaram a cintilar. Ele franziu levemente o cenho, olhando atentamente para o corpo dela. Como se estivesse fascinado, uma mão magra e com dedos morenos avançou para tocar o redondo contorno com sua evidente dureza, e ela ofegou com o tenro traçar dos dedos porque a excitação que ela estava sentindo era muito intensa.

Seus olhos escuros se moveram de volta para os dela. "Você me fascina," ele sussurrou tensamente. "Tudo em você. Seu corpo, seu coração, sua mente. Eu sempre pensei em mulheres em termos físicos, até agora. Mas, eu toco você e imagino..."

"Imagina o quê?" ela perguntou em uma voz baixa, que era quase reverente com ele.

"Eu imagino como seria se eu te desse uma criança," ele sussurrou, seu tom cheio de admiração.

Ela parou de respirar. As palavras dele continham esse tipo de impacto. Os olhos dela vasculharam o rosto dele, e ela ergueu a mão para tocar sua boca, para traçar o grosso bigode, a bochecha firme, as grossas sobrancelhas. Os olhos dele se fecharam e ele ficou quieto e um pouco tenso enquanto a suave mão examinava-o, aprendendo os contornos do seu rosto.

Ela então arqueou e tocou sua boca com dolorosa ternura na dele. Os dedos dela encontraram os dele, pressionando-os sobre a carne suavemente elevada, segurando ali a palma enquanto a boca dela fazia amor lenta e docemente com a dele.

"Você está me matando," ele sussurrou em um riso torturado.

"Você também não está fazendo muito bem para o meu metabolismo," ela sussurrou nos lábios dele. Ela estava sentada no colo dele, com ambas as mãos em seu peito, e os olhos dela estavam repletos de emoção. A cor deles era suave, como pombas cinzas.

Ele respirou fundo e se forçou a puxar o suéter dela para baixo, alisando-o ao redor de sua cintura. "Eu tenho que ir trabalhar," ele gemeu. "Meu Deus, eu espero poder empilhar feno estando encurvado."

Ele estava rindo, no entanto, e os olhos dela brilharam com triunfo, encantada com o conhecimento da parte dela na ruína dele. Ela sorriu para ele, e as mãos dela alisaram para

trás seu grosso cabelo escuro, demorando-se em suas têmporas. "O que você gostaria para o almoço?" ela perguntou.

"Qualquer coisa," ele respondeu. "Desde que eu consiga te ver enquanto eu almoço."

"Oh, Tate." Ela pôs sua boca sobre a dele e se agarrou a ele, sentindo-o se mover, sentindo sua mão magra de repente puxar seus quadris contra os dele.

Ele a sentiu ficar tensa. Sua cabeça se ergueu e ele olhou dentro dos arregalados e amedrontados olhos cinza. "Eu não vou te machucar, Maggie," ele sussurrou. "Eu só quero saber o quanto eu posso ser homem com você. Não é uma ameaça. É..." Ele parou. "Eu não sei. Orgulho, eu acho," ele finalmente decidiu, e isso estava nos olhos dele, em toda sua aparência.

Ela encontrou seu firme olhar e o medo se foi, todo de uma vez. Ela relaxou nele, forçando seus tensos músculos a relaxar, forçando seu corpo a acreditar nele. "É difícil," ela disse suavemente. "Eu passei anos me segurando."

"Entendo." Ele beijos suas pálpebras fechadas e então a deixou ir, ajudando-a a ficar de pé enquanto ele se levantava e elevava-se sobre ela. "Eu não te trouxe aqui para seduzi-la," ele acrescentou, encaixando o rosto dela em suas mãos cálidas e fortes.

"Mas eu estou com medo," ela sussurrou, franzindo o cenho enquanto olhava para ele. "Tate, eu... não devemos..."

Ele pôs um longo dedo contra os lábios dela. "Eu tenho que ir." Ele roçou sua boca firme sobre a testa dela, e o bigode fez cócegas. "Vamos viver um dia de cada vez. Tudo bem?"

Ela se forçou a não entrar em pânico. "Tudo bem," ela concordou. Ele sorriu. Ele parecia fazer isso várias vezes ultimamente, ela pensou, assistindo-o ir pelo corredor para o quarto. Mas ela também tem feito isso.

Os dias que se seguiram foram mágicos. Tate não a tocou novamente, embora ela pudesse ver o fogo contido nos olhos dele quando olhava para ela; ela podia ver a fome ali. Ele passava um tempo com Blake à noite quando ele não estava trabalhando, falando sobre gado e mercadologia, coisas que eram difíceis para ela compreender, mas que Blake parecia entender e realmente apreciar. E quando Tate emprestou para ele seu 'Guia do pecuarista' para estudar, o garoto ficou muito feliz.

"Tem um capítulo inteiro sobre manejo de confinamento³⁰," Blake disse entusiasticamente.

"Nós poderíamos usar confinamento por aqui. Só que parece que eu nunca consigo ter tempo para analisar seu potencial," Tate disse, se sentando no sofá com uma xícara de café

³⁰No original, *feedlot management* – operação de alimentação de engorda de gado, principalmente destinado ao abate; é realizado nos estágios finais da engorda do gado, que fica confinado até ganhar o peso ideal para ser abatido.

preto e fumando um cigarro. "Mas é interessante da mesma forma ver como funciona. Há mais sobre isso do que apenas reunir grupos de gado e alimentá-los duas vezes ao dia."

"Isso é interessante, sobre o perigo de gases explosivos," Blake murmurou.

Maggie ergueu os olhos de sua revista Ranch, onde ela estava lendo sobre uma receita de bife de caçarola. "Gases?"

Blake começou uma longa e nauseante explicação de como o esterco de boi sem ventilação podia criar gases explosivos e tóxicos, enquanto Tate assistia, vagamente divertido com a evidente repugnância dela.

"Filho, acho que sua mãe não está empolgada com os detalhes sórdidos," ele murmurou. "Ela vai achar um pouco mais fácil receber algumas dicas sobre manejo de pasto."

"Certo," Blake concordou prontamente, excitado e ansioso porque seu ídolo tinha realmente lhe chamado de 'filho'. Ele olhou para Tate com mais emoção do que imaginava, tão ansioso para ter um pai que ele podia ser lido como um livro.

Tate, vendo aquela expressão revelar-se, sentiu uma selvagem agitação dentro de si mesmo. Uma agitação protetora, exatamente como a que ele teve na manhã que ele atirou no lobo quando ele estava ameaçando Blake. O garoto e a mulher estavam se aproximando dele, crescendo em sua estima, estavam tomando conta dele. Antes ele teria se retraído de raiva desse tipo de afeição. Mas agora... Ele olhou para Maggie, seus olhos calmos e gentis sobre sua abaixada cabeça escura enquanto ela lia a revista. Ela e Blake já faziam parte de sua vida; isso era tão natural quanto respirar. Ele ficava ansioso para ir para casa no almoço, a noite. Ele ficava ansioso por cada novo dia. Foi então que ele se deu conta de que faltavam cinco dias para o Natal e eles voltariam para o Arizona logo depois. Ele se sentiu verdadeiramente mal.

Para repelir o pensamento de um futuro sem eles, ele se levantou. "O que iremos fazer quanto a uma árvore?" ele perguntou repentinamente.

Os dois o encararam.

"Bem, nós temos que ter uma árvore," ele explicou. "Vai ser Natal em cinco dias."

Maggie sentiu o mesmo mal estar que ele tinha acabado de experimentar com o pensamento do que viria depois do feriado, mas ela se forçou a sorrir. "O que nós iremos colocar nela?" ela perguntou. "Você tem algum enfeite?"

"Poderíamos colocar um dos meus chapéus no topo, eu acho," ele refletiu, "e enrolar uma corda em volta como se fosse um festão."

"Poderíamos colocar isso em uma de suas botas," Blake deu risada e conseguiu uma encarada por seu esforço.

"Que tal nós fazermos os enfeites?" Maggie considerou. "Eu posso assar biscoitos em formatos diferentes para ir em volta, e você tem milho de pipoca e linha?" Tate acenou e ela sorriu. "Nós podemos fazer festões de pipoca. Mas e quanto à ceia de Natal? Tate, você pode conseguir um pernil e um peru?"

"Há três pernis no congelador," Tate respondeu. "Mas um peru..." Ele franziu o cenho. "Acho que eu poderia conseguir um com Jane Clyde, além da montanha."

"É longe?" Maggie perguntou.

"Só uma hora de carro mais ou menos."

Ela o imaginou naquela estrada sinuosa, o quão perigosa era com neve e gelo. "Nós não precisamos de peru," ela disse. "Sério, eu odeio peru. E Blake também," ela acrescentou, desafiando o filho a argumentar.

Mas ele era rápido, era Blake. Ele já tinha seguido o raciocínio dela e estava concordando com entusiasmo que perus eram a maldição da civilização.

Tate não disse mais nada sobre ir além da montanha para pegar um passarinho. Mas ele sorriu para si mesmo quando deixou a sala. Eles não enganavam ninguém, ele tinha visto as intenções deles.

Nos dias que se seguiram, Maggie e Blake trabalharam nos enfeites e fizeram presentes. Como a cidade mais próxima estava abaixo da montanha, eles decidiram usar o que eles trouxeram com eles de Tucson. Maggie fez Tate levá-la de volta até a cabana para verificar tudo, e ela retirou as sacolas de compras cheias de coisas que ela trouxe da cidade para o Natal.

"Mais decoração," ela murmurou, arremessando papel de embrulho e suavemente colocando uma caixa de bolas coloridas no sofá. "E isso é o que Blake mais queria no Natal." Ela lhe mostrou um jogo de computador, um dos mais caros com gráficos e três disquetes.

Ele fez beicinho. "Muito legal. Eu tenho um PC compatível, mas eu não tinha me dado conta de que Blake tinha interesse em computadores."

"Você tem um computador?" ela perguntou com uma curiosidade vívida porque ela estava pensando em um presente para Tate já que ele era alguém para quem ela não tinha previsto comprar um.

"Claro. Mais de 600 KB de memória, duplo drive de disco, com modem e uma impressora margarida³¹." Ele sorriu com a fascinação dela. " Eu mantenho o registro do meu rebanho

³¹*Impressora margarida* – impressora de texto muito utilizada na década de 80, tinham grande qualidade, mas preteridas em função das impressoras matriciais que eram mais abrangentes; seu tipo de mecanismo era muito utilizado nas máquinas de escrever tradicionais.

no computador atualmente. É muito melhor do que ter que datilografar cada um desses registros."

"Você tem um programa de planilha eletrônica?" ela procurou saber.

"Na verdade, eu tenho," ele disse e deu o nome. Era um dos mais caros, então esse programa estava fora.

"O que eu não tenho," ele suspirou, estudando o disco de Blake, "é um bom processador de textos. Eu poderia usar um desses para escrever cartas." Ele olhou para ela, notando sua expressão absorta, e sorriu novamente. Ele tinha dois processadores de texto, mas ele não ia dizer pra ela. Ele iria correr para casa e esconder os discos, rápido!

"Nossa, eles são muito úteis, não são?" ela refletiu e rapidamente escondeu o programa que ela tinha comprado para Blake. Blake podia esperar o próximo Natal para ganhar um programa processador de textos; ele não ia ganhar este.

Eles carregaram os pacotes no carro depois que ela os embrulhou. "Tate, eu não tinha pensado," ela disse enquanto eles entravam no Jeep, "tem alguém com quem você passa o Natal? Sua família?"

"Meus pais estão mortos há muito tempo, Maggie," ele disse quietamente. "Eu não tenho ninguém."

"Sinto muito, eu não tinha a intenção de intrometer."

Ele pegou a esbelta mão na dele e pressionou sua boca na palma. "Você e eu não iremos ter nenhum segredo um com o outro," ele disse ternamente. "Eu não me importo em dizer algo que você queira saber."

Ele largou a mão dela e ligou o Jeep, e ela pensou sobre o que ele havia dito durante todo o caminho para casa.

Casa. Era como se fosse sua casa. Ela terminou de passar o resto de glacê sobre o bolo de frutas japonês³² que ela tinha feito, com uma de suas camadas com amêndoas moídas, duas camadas simples e glacê de frutas cristalizadas com coco por cima. Era igual o bolo que a mãe dela sempre fazia em casa. Ela imaginava se mais tarde poderia perguntar para Tate sobre ligar para seu irmão mais novo, Michael, na noite de Natal e depois mandar a conta pra ela em Tucson. Por incrível que parecesse, ela não sentia falta de ter um telefone na cabana, mas ela sabia que Tate tinha um porque ela o ouvia falando nele ocasionalmente.

Michael ainda morava no Tennessee, e ele mantinha contato com o restante da família. Maggie queria saber como Jack e Sam e as famílias deles estavam, e Michael sempre tinha

³² *Bolo de frutas japonês* – apesar do nome, é uma receita americana tradicional; trata-se de um bolo de três camadas com recheio na camada do centro; a cobertura normalmente é feita com glacê e coco, frutas cristalizadas ou laranja.

sido bom em repassar mensagens. Querido Michael, com o seu cabelo tão escuro quanto o dela e olhos quase tão cinzas quanto os dela.

"Com o que você está sonhando?" Tate perguntou, atravessando na frente dela para encher novamente sua xícara de café enquanto ele e Blake faziam uma pequena pausa dos velhos jogos de computador que Maggie trouxe.

"Com Michael," ela disse sem pensar e ergueu os olhos para ver um lampejo de surpresa nos olhos escuros de Tate.

"Quem é Michael?" ele perguntou sem rodeios.

"Oh, eu gosto disso," ela disse suavemente e sorriu para ele. "Eu gosto do jeito que você soa quando você acha que existe outro homem em minha vida. Mas não existe, você sabe. Michael é meu irmão mais novo. Ele só tem vinte e dois anos, e ele se parece comigo, exceto nos lugares."

Ele abrandou. Seus dedos magros pentearam para trás o grosso cabelo dela. "Ele se parece?" Ele se inclinou, esfregando gentilmente a bochecha dela com a dele. "Eu estou ficando possessivo. Isso te incomoda?"

"Olhe para outra mulher e você vai ver o quanto isso me incomoda."

Ele ergueu a cabeça, procurando calmamente os olhos dela. "Eu sei o que você quer dizer," ele refletiu.

"O quê?"

Ele esfregou o nariz contra o dela. "Eu também gosto disso." O hálito dele estava sobre sua boca.

"Gosta do quê?"

"Ver você ficar possessiva. Abra sua boca." Ela fez isso e ele esfregou a sua boca contra a dela, aberta, também. Ele mordeu o lábio dela, seu bigode abrasivo, sua boca firme. Ele agarrou a nuca dela e a puxou mais para perto, esmagando sua boca sobre a cálida pressão da dele.

"Você poderia me trazer um refrigerante, Sr. Hollister?" Blake de repente gritou do escritório, fazendo-os se separar.

Maggie podia dificilmente respirar. Tate também parecia estar tendo um pouco de problema naquele sentido. Ele se levantou, piscando os olhos. "Um o quê?" ele gritou.

"Um refrigerante."

"Certo." ele balançou a cabeça, assobiando pelos dentes enquanto pegava um na geladeira.
"Coisa que sobe à cabeça."

"O que é, refrigerante?" ela murmurou secamente, embora seu coração ainda estivesse acelerado.

"Você," ele sussurrou e a beijou novamente, suavemente, quando passava por ela para ir até o estúdio.

Ela se apoiou no balcão, vendo as costas largas desaparecerem dentro da sala do computador, e ela pensou sonhadoramente o quão doce seria se eles fossem casados e ela nunca tivesse que voltar para Tucson.

Mas apesar da aproximação deles e o jeito que Tate estava agindo com eles, ela tinha que se lembrar que ela era apenas uma hóspede e em menos de cinco dias ela e Blake teriam que estar em Tucson e isso seria apenas uma memória.

Lágrimas arderam nos olhos dela enquanto ela terminava a cobertura do bolo. Apenas uma memória, talvez, mas uma que iria persegui-la o resto da vida. Só o pensamento de estar longe de Tate agora era pior do que uma ameaça de morte. E seja lá o que ele estivesse sentindo, ele estava mantendo isso para si mesmo. Ele a desejava, isso ela sabia. Mas havia um abismo entre desejar e amar, e um não era nada sem o outro.

Capítulo Cinco

Fazer Blake ir dormir na noite de Natal era como tentar colocar um par de calças em uma enguia, Maggie pensou enquanto ele reaparecia pela quarta vez.

"Sr. Hollister, existe ou não existe um Papai Noel?" ele perguntou para Tate.

Maggie encarou inexpressivamente Tate, que estava se esforçando corajosamente para não entregar o segredo.

"Papai Noel é como um espírito, Blake," ele finalmente contou para o garoto enquanto tomava café sentado no sofá. "Em certo sentido, sim, ele existe."

"Mas ele não desce pela chaminé?"

"Eu não disse isso," Tate respondeu.

Blake mordeu o lábio inferior, se apoiando pesadamente na muleta que Tate emprestou para ele. "Mas tem fogo nela," ele gemeu.

"Fogo," Tate improvisou, "possivelmente não pode machucar um espírito de Natal como o velho Noel. Ele pode passar direto por ele para ir até as meias."

"Você tem certeza?" Blake perguntou com preocupação.

Tate colocou a mão sobre o coração. "Blake, eu iria mentir para você?" ele perguntou.

Maggie teve que se segurar ao máximo para evitar rir da expressão no rosto de Tate. Mas Blake deixou escapar um suspiro contido e sorriu.

"Tudo bem," ele disse. "Eu só queria ter certeza. Boa noite. Vejo vocês de manhã cedo!"

"Você também, querido," Maggie sorriu, beijando levemente sua testa. "Durma bem."

"Ha, ha," ele resmungou, olhando pesarosamente para o grande pinheiro com os enfeites caseiros colocado no canto perto da janela. Toda acesa com luzes coloridas e com o cheiro de ar livre, acabou se tornando uma árvore melhor do que tinham esperado. Mas o toque de mestre eram alguns flocos de sabão que Maggie encontrou no armário da cozinha. Ela os misturou com água e fez 'neve' para colocar nos galhos. O produto pronto era um sonho de árvore de Natal, completo com os flocos de neve de papel que Blake tinha cortado - algo que ele aprendeu a fazer nas aulas de artes na escola.

Maggie suspirou enquanto olhava para a árvore. "Não é adorável?" ela perguntou distraidamente.

"Nem metade do quão adorável você é," Tate comentou calmamente, seus olhos escuros possessivos sobre o corpo dela em seu lustroso vestido prata, uma longa bata de lantejoulas que a tinha impressionado com seu espírito festivo. Com seu cabelo escuro curto e ondulado para frente, ela parecia uma das twenties flappers³³.

"Fico feliz por você ter gostado," ela fez uma reverência para ele com sua xícara de café apertada em uma mão. Assim como ele, ela não bebia – raramente até mesmo um copo de vinho. Eles estavam celebrando o Natal com café preto, apesar do vestido dela e ele de calça social, camisa branca e paletó.

Ele desligou a luz principal, deixando as luzes coloridas e brilhantes da árvore para iluminar a sala. Os braços dele deslizaram ao redor da cintura dela enquanto olhavam para o anjo de papel que Blake fez para colocar no topo. "Eu sinto por não ter podido te colocar lá em cima," ele meditou. "Você seria um anjo lindo."

"Eu prefiro ser apenas uma mulher," ela disse, se voltando. Os olhos dela examinaram o rosto dele quietamente, apesar de seu coração estar batendo a um grau intolerável. Fazia

³³*Twenty flapper* – termo que se referia à nova geração de mulheres na década de 20, que se caracterizavam por usar saias e vestidos mais curtos; não usavam corpetes, preferindo roupas que não enfatizassem as formas do corpo; geralmente usavam um corte de cabelo chamado *bob cut* (corte de cabelo curto, na altura do queixo, e com franja); ouviam jazz e demonstravam desdém pelo que era considerado comportamento aceitável.

muito tempo desde aquela manhã em que ele lhe fez amor tão doce na cozinha. E ela queria isso, e mais, essa noite. Seu corpo todo doía por ele.

Ele tocou o pescoço dela com apenas a ponta do seu dedo indicador, observando o batimento pulsar ali, observando os lábios dela se abrirem. Ela era sua. Ela nem precisava dizer. Ele podia ver isso nos olhos dela, no rosto dela, no corpo que se inclinava em direção ao seu na escuridão parcamente iluminada.

Ele deu um passo à frente, assim ficaria diante dela, e sua cabeça abaixou em direção à dela. Sua boca roçou a dela que estava aberta, sentindo com surpresa o repentino movimento da língua dela contra seu lábio superior.

Ele prendeu a respiração e os olhos dela se abriram preguiçosamente, olhando para ele.

"É... é algo que eu aprendi quando era adolescente," ela vacilou.

"É muito excitante, você sabia?" ele perguntou calmamente. "Ter Blake em casa não serviria para me frear, Maggie, então não espere por milagres se você começar alguma coisa essa noite."

Ele fazia soar como se ela estivesse lhe fazendo uma proposta. Bem, ela estava, mas ele não precisava fazê-la se sentir sem valor por causa disso. Ela tinha dado algumas coisas na relação deles como certas, mas talvez ela tenha presumido demais. Ela queria ter uma lembrança dele, algo cálido e privado, apenas para eles dois. Uma lembrança de Natal que ela poderia levar de volta para o deserto com ela para durar por todos os longos e solitários anos que ela passaria lamentando por ele.

Sua cabeça se abaixou. Suas mãos se apertaram ao redor da xícara. "Sinto muito," ela sussurrou.

Ele parou de respirar por um momento. Ele não esperava pela reação dela. Ele não pretendia envergonhá-la, pelo amor de Deus. Ele apenas tinha ficado hesitante em deixar as coisas saírem do controle antes que ele conseguisse criar coragem para pedir se ela poderia considerar ficar no rancho - ela e Blake. Ele começou a falar quando uma batida estrondosa na porta quebrou o encanto.

Ele abriu a porta com um puxão e um homem estava parado lá, um homem muito velho com um chapéu esfarrapado. "Desculpe por incomodar o senhor, chefe, mas chegou a hora pra Katie Bess." Ele deu um largo sorriso. "Eu sabia que você ia querer estar lá."

"Sim. Eu quero. Obrigado, Baldy."

Ele fechou a porta e se voltou. "Katie Bess é um dos meus cães pastores de Shetland³⁴," ele explicou. "Nós os usamos para ajudar a arrebanhar o gado. Katie Bess é a mais nova, e ela e seus filhotinhos são de raça pura."

"Filhotes de Natal," Maggie disse com um sorriso, tentando esquecer sua humilhação. "Eu posso ir também?"

"Claro. Mas não com essa roupa," ele disse com um fraco sorriso. "Eu vou me apressar e me trocar."

"O que está acontecendo?" Blake perguntou quando eles passavam pela porta do quarto dele.

"Nada não." Maggie espiou pela porta e disse pra ele. "Volta a dormir. Papai Noel pode vir enquanto estivermos lá fora, mas só se ele achar que você está roncando."

"Eu estou, eu estou!" ele prometeu, roncando ruidosamente.

Maggie riu enquanto fechava a porta. Ela vestiu uma camiseta vermelha de flanela e calça jeans, meias grossas e botas, agarrou sua parca e se apressou para a sala. Tate já estava adiantado, suas botas fazendo batidas altas enquanto ele ia em direção ao armário da sala e tirou seu casaco e chapéu.

Ela o seguiu até o estábulo onde a mamãe cachorro, que parecia um pequeno collie com um fofo pêlo marrom e branco, estava deitada em um lugar limpo. Já tinham três pequeninos corpos peludos fuçando perto de onde os filhotinhos mamavam. E mesmo enquanto eles observavam, o quarto e o quinto nasceram. Tate e Baldy conversavam para encorajar o cachorro, com o qual eles estavam obviamente afeiçoados, e comentavam com muito elogio sobre os filhotinhos. A cor deles parecia um trabalho de retalhos, bege, marrom e branco e marrom, bronze e branco, e Maggie teria adorado erguê-los e abraçá-los. Mas eles ainda eram muito pequeninos, e ela estava satisfeita só em observar, adorando os pequeninos com os olhos.

Quando ela era criança, seus pais sempre a mantiveram longe dos animais quando eles estavam perto de dar cria. Muito longe de achar que esta seria uma experiência interessante para ela, eles ficavam horrorizados com o pensamento de que isso poderia assustá-la. Mas não era uma experiência assustadora; era uma experiência em humildade.

A cachorra se abaixou, lambendo as suaves coberturinhas de pêlo. Os olhos castanhos dela eram tão carinhosos quanto os de uma mãe humana, seu corpo cansado estava tremendo um pouco em reação.

"Eu vou pegar um pouco de leite pra ela," Baldy disse, se afastando.

³⁴ *Cão pastor de Shetland* – cão originário das Ilhas Shetland, Grã-Bretanha; inicialmente sua função era o pastoreio de ovelhas; são cães muito inteligentes e aprendem com rapidez.

A mão magra de Tate encontrou a de Maggie na semi-escuridão debaixo da lâmpada central pendurada. "Ela esteve doente," ele explicou, "e nós tínhamos medo de que ela fosse precisar de ajuda. Mas como você pode ver, ela estava disposta pra isso. Essa é uma bela ninhada, Katie Bess," ele disse gentilmente à cachorra, que balançou o rabo e olhou para ele como se o amasse. "Boa garota."

Baldy voltou com leite e um pouco de carne crua. "Eu vou tomar conta dela agora, chefe. Parece que está vindo mais neve, mas Feliz Natal assim mesmo."

"Feliz Natal, Baldy," Tate deu uma risadinha. "Eu acho que ambos ganhamos nossos presentes essa noite."

"Creio que sim, apesar do seu parecer um pouco mais bonito que o meu, mas só um pouquinho," o velho disse com uma risadinha sufocada.

Tate não parecia ter se ofendido. Ele desejou ao velho uma boa noite, e ele e Maggie voltaram em direção a casa.

A neve estava caindo suavemente, mas o vento estava calmo. Eles podiam enxergar por milhas na paisagem branca, a neve clareando o caminho tanto quanto uma lâmpada. Tate parou para acender um cigarro e deslizou um braço ao redor dos ombros de Maggie enquanto caminhavam.

"Foi difícil pra você quando Blake nasceu?" ele perguntou inesperadamente.

Ela ergueu o olhar para ele. "Você quer dizer se foi difícil fisicamente?" Ele acenou, e ela deixou seus olhos deslizarem de volta para a casa, seus contornos realçados pela neve, as montanhas e o céu escuro. "Eu acredito que foi. Mas é do rosto dele que eu lembro, não a dor. A vida é assim, não é? Nós podemos lembrar do machucado, mas é o beijo que veio depois que permanece na memória."

"Pensamentos profundos em uma noite de Natal," ele murmurou.

"Sim. É uma noite profunda." Ela suspirou, sentindo a força dele perto dela, dando suporte. "Uma noite de milagres."

"Eu não tenho celebrado o Natal desde o acidente," ele disse. "Eu não tenho me preocupado com muitas coisas. Mas você e Blake fizeram as cores voltarem para o meu mundo," ele acrescentou, baixando o olhar para ela. "Você me tirou do passado, me tirou das sombras. Eu acho que tinha esquecido como sorrir até que você apareceu."

Ela sorriu pra ele, mas sentia seu coração pesado. Essa era uma forma de dizer adeus e obrigado pela ajuda? Ou era mais? Ela estava com medo de lhe perguntar sobre alguma coisa.

"Eu estou feliz por você ter voltado a se lembrar," ela disse, forçando os olhos de volta para o caminho.

"Sobre o que eu disse lá dentro," ele murmurou, acenando em direção à casa. Ele hesitou. Seus olhos escuros voltaram aos dela. "Eu não pretendia te embarçar. Maggie, se você me deseja, tudo o que você tem que fazer é me dizer."

O ostensivo choque das palavras a surpreendeu. Ela não conseguiu nem responder pra ele por alguns segundos. Sim, ela o queria com certeza. Mas ele fazia isso soar tão trivial, como se oferecesse um copo de água para um viajante sedento. Ela enrubesceu violentamente.

"Eu... eu estou com sono." ela hesitou. "É melhor eu descansar um pouco para eu poder dar conta da ceia amanhã. Obrigada por me deixar ver os filhotes!"

Ela praticamente correu até o alpendre e através da casa silenciosa até o seu quarto, lágrimas brilhando em seus olhos. Ela não conseguiu olhar para Tate, e isso era uma pena, porque o olhar no rosto dele teria dito tudo o que ela precisava saber.

Depois que ela vestiu o pijama, o mesmo pijama azul que ela já tinha usado na cabana, ela ficou andando pelo quarto com as luzes apagadas. Ela parou na janela, olhando lá fora a escuridão nevada com olhos que não viam. Natal seria amanhã. Depois, em dois dias, eles teriam ido embora.

Ela fechou os olhos com um gemido e foi pra cama. Ela tinha que esquecer. Não, ela tinha que fazer planos. Ela vinha seguindo a maré, amando Tate, conhecendo-o melhor. Mas não havia futuro nisso, e ela vinha fazendo sonhos, não planos. Agora ela tinha que decidir. Ela manteria o rancho? Ela mandaria Blake de volta para a escola? Ela iria voltar para Tucson?

Ela se preocupou com a questão por horas. Finalmente, em desespero, ela saiu da cama. Com certeza Tate estaria dormindo agora, e ela precisava de uma xícara de café e uma aspirina para a dor de cabeça que ela deu a si mesma. Esperançosamente ela não iria dar de cara com o Papai Noel lá fora, ela divagou.

Mas quando ela entrou na cozinha escura e colidiu com uma figura quente, ela deixou escapar um leve ofego até que viu o rosto de Tate delineado pela luz que vinha da árvore de Natal.

"O que você está fazendo acordado?" ela gaguejou.

Ele deixou seus olhos percorrerem lentamente o corpo dela de pijama, e ele sorriu porque ela estava tão visivelmente embaraçada por não estar com um roupão.

"Eu ia começar a fazer café," ele refletiu. "Mas agora que você se levantou, você pode fazer isso enquanto eu visto alguma roupa."

Foi então que ela se deu conta de que ele não estava vestindo nada. Ela manteve os olhos no rosto dele com uma apreensão exagerada que arrancou uma risada profunda da garganta dele.

"Meu Deus, isso é tão chocante assim?" ele sussurrou perversamente.

"Eu nunca nem ao menos vi um homem sem roupa!" ela guinchou, e era verdade porque ela nunca tinha olhado para o marido dela assim, nenhuma vez.

As sobrancelhas dele se arquearam na luz suave vinda da árvore. "E você foi casada? Bem, senhora, você é atrasada."

"Não, não sou." Ela fechou os olhos apertadamente, e ele riu enquanto voltou pelo corredor.

"Tudo bem, covarde."

Mas ela espiou. Bem na hora que ele ia para seu quarto, a luz que transbordou de lá o delineou e ela conseguiu ver tudo de uma vez. Ela era o homem mais magnífico que ela já tinha visto, com ou sem roupas. Ela voltou pra cozinha emudecida³⁵. Ele podia ter sido modelo de revista, com certeza, ela pensou entorpecida.

Ela estava de volta em menos de cinco minutos, mas vestido apenas com calça jeans. Seus pés estavam nus, como os dela, assim como o resto dele.

"Eu pensei que você tinha ido dormir," ela murmurou. Ela ligou a cafeteira na tomada, depois de já ter completado com água e pó de café e ter arranjado xícaras, pires e creme.

"Eu não consegui dormir," ele disse calmamente. "Eu te desejava demais."

Os olhos dela se ergueram. "Mas..."

Ele encolheu seus amplos ombros. Sua mão magra tocou a bochecha dela. "Eu sei. Eu te assustei. Talvez essa fosse minha intenção." Ele suspirou pesadamente. "Eu ainda estou nos estágios de aprendizagem sobre sedução."

"Eu achei que você não me desejava."

"Eu finalmente me dei conta disso," ele disse com um riso suave. Ela conseguiu dar um sorriso apertado e seus olhos caíram para o peito dele, mas sua expansão nua a perturbou, por isso ela desviou o olhar para a árvore.

"Eu esqueci de ligar pro Michael," ela mencionou.

"Está muito tarde?"

³⁵No original, *pole axed* – expressão que caiu em desuso; atualmente, a palavra que carrega o mesmo significado é *gobsmacked*, que por sua vez quer dizer emudecido, sem palavras.

"Os fusos horários têm algumas horas de diferença," ela se lembrou, "e é mais tarde na costa leste. Eu acho que ele deve estar dormindo. Mas está tudo bem, de qualquer jeito. Eu ainda não me decidi quanto ao que irei fazer."

Ele pegou a cintura dela e se inclinou no balcão da cozinha, trazendo-a preguiçosamente contra ele. "Decidiu fazer quanto a o quê?"

"Sobre o rancho. E Blake." Ela encarou o queixo dele. "E sobre mim."

"Bem, eu não posso ver nenhum problema real, doçura," ele disse despreocupadamente. "Eu quero comprar o rancho, então isso fica resolvido. E Blake não quer voltar para a escola militar; ele quer morar aqui e aprender o trabalho com o gado. Isso resolve quanto a ele. O que deixa apenas você e eu."

Ela engoliu. Seu coração estava disparando. Ela ergueu o olhar hesitantemente, seus olhos suplicando fracamente. "Você e eu?"

"Mmm-hmm." Ele se curvou, esfregando o nariz dela com o seu. Ele sorriu afavelmente. "E isso quer dizer," ele sussurrou nos lábios dela, "que você não irá a lugar algum até que eu o diga, garota bonita."

"Mas eu não posso... meu emprego... responsabilidades..." ela protestou fracamente, as palavras abafadas pelos lábios dele.

"Silêncio," ele deu uma risadinha, e sua boca se abriu preguiçosamente, tomando os lábios dela. Ela soltou um som fraco, mas ele a segurou bem perto até que ela se rendeu, e então ele desabotoou a camisa do pijama dela.

"Tate!" ela protestou contra sua boca faminta.

"Deus, você é suave," ele sussurrou enquanto suas mãos ternamente pegaram os suave peso dos seios dela. Ele tirou o tecido de cima deles e a puxou contra si, segurando-a assim, esfregando-a preguiçosamente de um lado a outro para que o pêlo grosso no seu peito deixasse deliciosas marcas em sua suavidade, e então a fome ficava ainda maior a cada segundo e ela começou a fazer ruídos que ele gostava.

As unhas dela fincaram nos ombros dele e ela se agarrou, sua boca tão ávida quanto a dele.

As mãos magras dele deslizaram para os quadris femininos e os puxou gentilmente contra suas coxas, apertando-a contra si para que ela pudesse sentir o quanto a desejava. "Eu fico louco quando chego perto de você," ele disse roucamente. "No fim das contas vou me entregar a isso, e você também. Nós temos que fazer algo quanto a isso."

As mãos dela deslizaram sobre seu peito largo saboreando a sensação, adorando-o. "Sim."

Ele mordiscou a boca feminina. "Quando?"

Os olhos dela se abriram. "O quê?"

"Quando você quer se casar?" ele perguntou simplesmente, seus olhos escuros suaves e carinhosos.

Ela o encarou confusamente. "Você... quer se casar comigo?" ela se atrapalhou.

"É claro que eu quero me casar com você." Os ombros dele se ergueram e abaixaram e seu bigode se mexeu. "Você pode nos imaginar vivendo em pecado com o Blake por perto?" ele deu risada.

"Mas, casamento," ela disse quietamente. Seus olhos pálidos procuraram os olhos escuros dele. "Você não queria ninguém por perto."

"Sim, isso é verdade," ele disse honestamente. "Mas você sabe como tem sido na última semana. Você abriu portas para mim." As mãos dele deslizaram pra cima e pra baixo pelas costas nuas dela, amassando seus seios contra ele, estremecendo um pouco com o doce prazer disso. "Maggie, eu aprendi que eu não posso viver no passado. E eu não quero mesmo, não mais. Eu quero uma família. Eu quero você. E Blake. Eu não quero passar o resto da minha vida sozinho, e eu não acho que você queira também." Seus olhos escuros se estreitaram. "Ou eu entendi errado? É só algo físico para você?"

"Eu te quero feito louca," ela admitiu sem embaraço. "Mas não é só algo físico. Eu adoro ficar com você. Eu me sinto segura e feliz." Ela encarou o peito dele, onde seus dedos estavam enterrados.

"Não pare agora, pelo amor de Deus," ele sussurrou roucamente. "Diga."

Ela ergueu os olhos, ficando vermelha. "Você não disse."

"Não direi – não até que você diga," ele disse. "Qual o problema, garota da cidade, desistindo no último obstáculo?"

O queixo dela se ergueu de repente e ela olhou feio para a expressão presunçosa dele. "Bem, você já sabe, não é?" ela desafiou.

"É claro que eu sei," ele disse com impaciência pouco contida. "Você estava tentando me seduzir antes de irmos ver os filhotes, não estava? Esse não é o tipo de coisa que uma mulher virtuosa faz, a não ser que esteja muito interessada em um homem."

O rubor no rosto dela ficou pior. "Talvez eu só tenha ficado excitada," ela murmurou.

"Sem chance. Diga." Ele mordiscou sua boca e suas mãos deslizaram para cima nas laterais do corpo dela, alisando descaradamente sobre os seios e fazendo-a gemer. "Diga, mulher, pelo amor de Deus!"

"Eu te amo," ela murmurou. "Eu te amo, seu homem horrível, maravilhoso-" Os lábios firmes a interromperam, e sua boca foi tomada, possuída, no momento que a última palavra morria no ar, as fortes, quentes e carinhosas mãos dele estavam nos seios dela enquanto ele os fazia queimar com prazer.

Ele se encurvou, levantando-a, seu grande corpo tremendo com uma fome visível. "Faz anos," ele sussurrou asperamente, "e eu te quero como o inferno. Mas eu serei gentil com você."

Os braços dela se apertaram ao redor da nuca dele e ela enterrou o rosto em seu pescoço, tremendo. "Eu não ligo que você não seja," ela sussurrou. "Eu te amo tanto. Eu te quero do jeito que você é, Tate."

Ele gemeu, rindo, enquanto a carregava pelo longo corredor. "Meu Deus, isso vai ser doce," ele sussurrou.

Ela enrubescou, rindo. "Eu fico toda tonta e selvagem quando você me toca."

Ela mordiscou a mandíbula dele enquanto ele a carregava, saboreando a sensação de seu peito largo e cálido, o cheiro limpo do corpo dele. Ele iria ser seu amante, e ela mal podia esperar. Isso não era parecido com nada que ela já tivesse experimentado, nem mesmo na excitação de seu primeiro casamento. Essa era a promessa do paraíso e apenas o começo de uma longa, dolorosamente doce relação...

"Papai Noel!"

Eles tinham acabado de passar pelo quarto de Blake e estavam na porta do quarto de Tate quando a jovem e sonolenta voz os paralisou no lugar. Se Tate não estivesse tão faminto, o olhar em seu rosto teria sido cômico quando ele se voltou com Maggie apertada em seus braços para ver Blake andando lentamente em direção à sala de estar com sua muleta debaixo do braço e o gesso batendo no chão.

"Papai Noel!" Blake chamou novamente.

"Maldição," Tate sussurrou roucamente. "Ele acha que ouviu o Papai Noel."

"Graças a Deus," Maggie sussurrou em resposta, freneticamente abotoando botões enquanto seu rosto queimava com embaraço.

Ele a pôs no chão, sorrindo fracamente com o pânico dela. "Fique calma," ele disse levemente. "Nada aconteceu."

"Escapamos por um triz," ela gemeu. Ela ergueu o olhar para ele e seu coração parou. "Oh, eu te amo," ela respirou roucamente. "E se tivesse acontecido, eu não me arrependeria."

"Eu imagino," ele refletiu. Ele se abaixou e esfregou sua boca gentilmente sobre a dela. "Eu perdi a cabeça, mas acho que seria uma boa idéia se nós fizemos tudo corretamente. Pelo bem de Blake."

Ela sorriu sonhadoramente. "Isso soa bem. Pena que o seu coração esteja te entregando," ela acrescentou, pressionando a mão sobre o batimento forte e pesado.

"Meu corpo e minha mente nem sempre concordam um com o outro," ele confessou, mas também sorria.

Luzes se acenderam na sala de estar. "Nossa!" veio uma exclamação enérgica de uma voz jovem. "Mãe" Sr. Hollister! Acordem! Papai Noel passou por aqui!"

"Transforme isso em mãe e pai. Blake," Tate gritou do corredor.

Houve uma pausa curta e chocada, um ofego e então um grito que poderia acordar os mortos.

"Eu acho que ele está satisfeito," Maggie murmurou.

"Não me diga," Tate disse, dando um sorriso largo. "Eu também estou. Bem, nós também devemos ir e abrir nossos presentes, desde que ainda não iremos nos dar nossos melhores."

"Haverá tempo pra isso," ela respondeu.

Os olhos escuros procuraram os cinza dela. "Todo o tempo do mundo," ele concordou. "Mas nós nos casaremos antes."

"Sim, Sr. Hollister," ela sussurrou.

Blake já tinha terminado de abrir seus dois primeiros pacotes quando eles se juntaram a ele, seus olhos brilhando com amor enquanto mostrava para Tate e Maggie sua nova cópia do 'Guia do pecuarista' e o software para seu computador.

"Mas meu melhor presente," ele lhes disse, "é meu novo pai."

Tate bagunçou seu cabelo afetivamente. "Eu espero que tenha sido digno dessa perna quebrada," ele murmurou secamente.

Blake enrubescou, "Você sabia?"

"Eu também já fui garoto," Tate riu. "Sim, eu sabia."

"Mas como?" Maggie perguntou suavemente.

Ele lhe deu um olhar sentido. "Bem, você vê, enquanto ele estava tentando se perder, eu estava ocupado sabotando seu gerador pra que você tivesse que passar a semana do Natal comigo."

"Tate!" ela ofegou.

Ele sorriu para Blake, que estava rindo abertamente. "Um homem fica sozinho. Talvez o velho Scrooge tivesse uma atitude azeda a respeito do Natal, mas eu queria uma árvore e alguém para me ajudar a desfrutar disso." Ele encolheu os ombros. "É difícil encontrar companhia aqui nas montanhas, a menos que você a pegue em uma armadilha."

Maggie o abraçou de um lado, e Blake do outro. Ele segurou ambos gentilmente, lutando contra a umidade em seus olhos escuros. O Natal lhe trouxe presentes que ele nunca tinha imaginado, e ele os tinha em seus braços.

Uma semana mais tarde, Blake estava na escola em Deer Lodge, muletas e tudo, e Maggie e Tate acabavam de chegar em casa vindos do escritório do juiz de paz. Eles tinham acabado de se casar, com Blake como uma testemunha e tinham-no deixado na escola quando faziam o caminho de volta para o rancho. Maggie e Tate estavam sozinhos pela primeira vez, e ela estava com medo.

Era mais difícil do que ela havia imaginado, a novidade de pertencer a um homem depois de tantos anos sozinha. Ela se sentia como uma beterraba quando lançou um olhar para seu marido e odiou seus próprios sentimentos de inadequação e nervosismo.

Ele a pegou gentilmente pela cintura e baixou o olhar para os olhos dela, suaves e assustados. "Ouça," ele disse levemente, "Eu estou tão nervoso quanto você. Provavelmente mais, porque eu que terei que ditar o passo. Então apenas relaxe, Sra. Hollister, e nós iremos simplesmente nos beijar e ver onde isso nos leva. Tudo bem?"

Ela ergueu o rosto para o dele, sorrindo timidamente, e fechou os olhos quando a boca dele se assentou gentilmente sobre a dela.

Como ele tinha pensado, assim que ela relaxou e deixou de se sentir inibida com ele, tudo voltou ao lugar. Minutos depois, eles estavam na cama king-size dele, lutando contra as roupas que os separavam até que nada mais sobrou, nem mesmo o fraco frio do ar.

"Lentamente," ele sussurrou, parando os movimentos dela, segurando-a. "Lentamente, doçura. Sim. Sim, desse jeito," ele murmurou contra sua boca quando ela se moveu, deixando-o guiá-la. Suas mãos magras pegaram os quadris dela e o seguraram enquanto ele se movia. A boca dele então se tornou exigente, suas mãos insistentes. Ele parou, respirando asperamente, e a sentiu tremendo. Então ele se moveu novamente e estava fácil. Tão fácil. Tão doce.

Ela se agarrou a ele, sentindo seus movimentos, sentindo sua respiração, sentindo a violência do batimento cardíaco dele sobre seus seios enquanto o corpo dele lentamente se

fundia com o dela. Ela tinha estado com medo, mas não havia nada a temer. Ele era seu marido e ela o amava, e essa era a mais bonita expressão de amor com que ela já sonhou.

Os olhos dela se fecharam quando ele se moveu novamente e ela abriu sua boca contra o pescoço dele enquanto o ouvia sussurrar, ouviu as palavras, queimou com a paixão contida nelas. Ela arqueou, tremendo, se agarrando, e o ouviu prender a respiração ao mesmo tempo que o corpo dela começou a ecoar o doce ritmo do dele. E ao mesmo tempo eles estavam alma com alma, tão próximos quanto a carne podia chegar. Um só.

Ela mal conseguia respirar, e ela ainda estava tremendo em consequência do que havia se passado, quando sentiu os olhos dele sobre seu rosto. Ela abriu os olhos, olhando para cima, fascinada, dentro da escura ternura do olhar dele.

"Eu te amo," ele sussurrou roucamente.

"Eu também te amo." Ela o alcançou, se agarrando a ele, tremendo com plenitude. "Tate, isso foi... isso nunca foi..."

"Nunca desse jeito," ele completou por ela. Ele esfregou a bochecha dela com a sua. "Eu sei." Ele a abraçou mais perto, saboreando seu suave calor em seus braços. "Você sabe," ele sussurrou, "se nós fizermos isso o bastante, você pode ficar grávida."

Ela sorriu no pescoço dele. "Eu ouvi dizer que um rancho precisa de um monte de filhos."

"Bem, nós temos bastante tempo," ele sussurrou, erguendo a cabeça. "E eu gostaria de te dar filhos, Maggie," ele disse, se encurvando. "Eu te amarei por toda minha vida. Até a morte. Tempos bons, tempos ruins, todo o tempo que compartilharmos. Você é o meu mundo."

"Oh, Tate, você também é o meu mundo," ela sussurrou entrecortadamente, enterrando seu rosto contra ele.

"Vem cá," ele sussurrou. "Mostre-me."

Ela tentou responder, mas havia tanta emoção presa em sua garganta que ela não conseguia falar. Duas almas solitárias e perdidas encontraram um milagre nesse Natal. E conforme ela se apertava contra ele, ela conseguiu sorrir por entre lágrimas de deliciosa alegria, seu coração transbordando quando pensava em todos os Natais que ainda viriam que ela e Blake compartilhariam com ele – Natais iluminados com risos e cheios de amor.

FIM